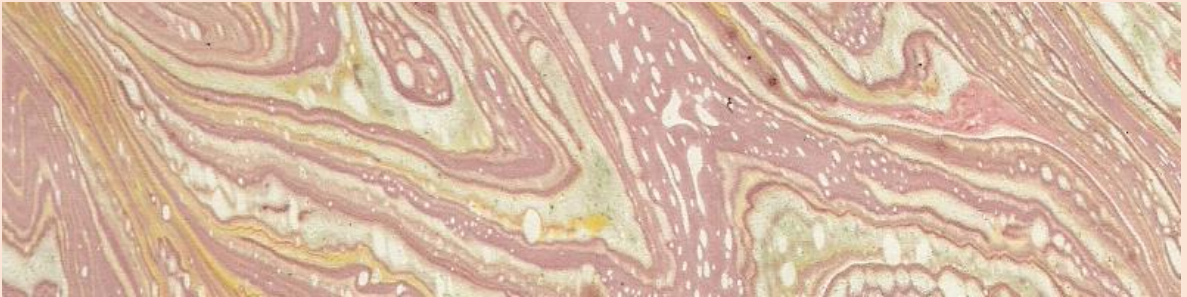


MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 2, n. 3, jan.-jun. 2019



ISSN 2594-5084

MACHADO PENSADOR

O fascínio que a obra de Machado de Assis exerce sobre seus leitores – para além do valor estético de que nos menores detalhes é portadora –, nos mais diversos gêneros que ele adotou para se expressar, deve-se sem dúvida a uma exatidão que aproxima a atividade do escritor do trabalho do escultor. Não é à toa que essa comparação, no território da poesia, foi adotada pelos poetas parnasianos, contemporâneos da maturidade do grande escritor.

O domínio técnico da expressão linguística, o pensamento claro, incisivo, a grande capacidade de uma ironia fina – com que se entrega muitas vezes à interpretação do leitor –, a erudição incomum e certa dose de humor estão entre as qualidades de sua prosa, e mesmo de seus versos.

Afora a esplêndida faculdade de criar quadros, cenas e sequências fictícias, aquém da consciência que tinha do material linguístico que manipulava, Machado de Assis foi grande observador da cena social, histórica e política de seu tempo. O suposto absentismo, que lhe é às vezes atribuído, não resiste a um exame acurado de sua obra. A partir da observação de seu ambiente, ele produziu pensamento – e, frequentemente, ao fazer isso, saltou do particular ao universal; são incontáveis as passagens em que ele assume ares de filósofo. Reforçam essa impressão o gosto que ele tinha pelos ensinamentos morais e a frequência com que cita (ou cria) ditos aforismáticos.

Tinham-se passado quinze anos da morte do escritor, em 1908, quando apareceu, em 1923, recolhidos por “Rubião”, os *Pensamentos de Machado de Assis* sobre a “Mulher... amor e pecados”. Em 1925, apareceram os *Conceitos e pensamentos*, coligidos por Júlio César da Silva, e, ainda, em 1942, o *Pensamento vivo de Machado*

MIRANDA, José Américo. Machado pensador.

de Assis. Essas são as três obras registradas por J. Galante de Sousa, na *Bibliografia de Machado de Assis* (1955). De lá para cá, muitas outras coleções apareceram.

Até mesmo seu pensamento crítico pode ser exposto em fragmentos, por meio de recortes em sua prosa, como o fez José Aderaldo Castello, no volume que preparou para a coleção Nossos Clássicos, da editora Agir: *Machado de Assis: crítica*.

Neste número da *Machadiana Eletrônica*, temos o prazer de publicar a mais recente coletânea de pensamentos do grande escritor, recolhidos e organizados (cronologicamente) pela Profa. Leticia Malard.

José Américo Miranda

Editor

Vitória, 5 de setembro de 2018

NOTA PRÉVIA

PENSAMENTOS DE MACHADO DE ASSIS

(recolhidos e organizados por Letícia Malard)

“Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda, não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça no dizer.”

(Machado de Assis, Carta a Joaquim Nabuco, Rio, 9 agosto 1906)

Há alguns anos decidi ler a obra completa de Machado de Assis, por simples lazer, mas de um modo inusitado: em ordem cronológica de publicação, a partir da primeira conhecida, quando o escritor tinha quinze anos de idade. Muitos de seus livros li nas edições que ganhei de meu pai, quando eu entrava na adolescência. Desde essa época Machado é meu autor preferido. À medida que a leitura progredia, para fugir à rotina do computador, ia copiando a mão, em cadernos, aqueles ditos que eu interpretava como “pensamentos” do escritor. De antemão eu sabia da existência de obras com esse conteúdo, mas não montadas pela cronologia nem tendo referenciadas todas as fontes completas.

Uma dessas obras, a mais extensa – *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956), organizada por R. Magalhães Júnior – se apresenta como dicionário antológico, com mil verbetes. Não se limita a pensamentos nem traz menção completa a fontes. Foi publicada há mais de 60 anos e nunca reeditada. Dos pensamentos que recolhi, 13% foram também recolhidos por Magalhães Júnior. Contudo, a organização, a extensão e os objetivos do material dele são totalmente diversos, conforme o próprio título de sua obra, que tem 220 páginas. Muitas vezes Magalhães reproduz textos completos, ao passo que me limito a seleções menores, apresentando apenas frases e minitextos que expressam conceitos, definições, opiniões, avaliações – enfim pensamentos sobre os mais diversos assuntos, emitidos pelo próprio Machado ou por suas personagens.

A organização dos textos em ordem cronológica, isto é, pelo ano da primeira publicação do texto, se justifica: o leitor poderá acompanhar e analisar as

transformações no modo de Machado de Assis ver o mundo e até mesmo a repetição de pensamentos, com alterações, tempos depois. Como se sabe, alguns romances foram publicados na imprensa, em capítulos. Aqui os localizamos pela data da primeira edição em livro, e vêm em primeiro lugar no ano respectivo.

Entretanto, são necessárias ressalvas nessa cronologia: exceto as crônicas – feitas para a imprensa ao calor da hora – não se sabe com exatidão quando foi escrita a quase totalidade dos demais textos do escritor. Exceto, obviamente, pelo fato de que a data-limite para cada texto termina na data de sua primeira publicação. Machado era muito ensimesmado e pouco falava de sua produção. Raramente informava, na correspondência, que estava escrevendo isso ou aquilo. Também há casos de textos que ficaram na gaveta por muito tempo, só vieram à luz anos depois de escritos e por motivos ignorados.

É possível que aqui se tenham atribuído a Machado alguns pensamentos que não sejam dele, pelo fato de o próprio escritor não deixar clara a autoria. Além disso, existem textos cuja autoria vem sendo questionada, no todo ou em parte, mas que figuram como sendo de Machado nas antigas edições que li e anotei, e que constam deste trabalho. Um exemplo são crônicas publicadas na *Semana Ilustrada*, entre 1861 e 1864. Como parece não haver ainda solução definitiva para a questão, optei por ignorar opiniões sobre autoria, e considerar como sendo do escritor os textos das mencionadas edições, mesmo que hoje postos em dúvida autoral. Lembre-se que correm informações não comprovadas sobre a vida e a obra de Machado. Já foi dito, inclusive, que Carolina, sua mulher, escreveu ou completou vários textos dele. No estado atual das pesquisas, quase todos esses problemas de autoria subsistem.

O livro *Bibliografia de Machado de Assis*, de J. Galante de Sousa (Rio de Janeiro: INL, 1955), muito me auxiliou no estabelecimento da cronologia. Trata-se de um trabalho monumental, com a informação completa das publicações de cada texto, e não apenas de cada livro. Porém, depois de sua publicação, vieram à luz muitos textos machadianos, localizados em periódicos ou em poder de instituições e de particulares, aos quais Galante de Sousa não teve acesso. Hoje se encontram publicados, e os acrescentamos à pesquisa de Sousa. Peço desculpas pelos erros e omissões, dada a amplitude e problemas da produção machadiana.

Agradeço a boa vontade e a confiança de José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos, editores deste periódico, por publicar matéria tão vasta e formatada segundo minhas preferências. Agradeço-lhes, também, o tratamento dado ao texto: diagramação, seleção das vinhetas e revisão. Acredito que a formatação escolhida seja a melhor para uma leitura fluente, informativa e de maior leveza visual. Ao fim e ao cabo, tanto os editores quanto eu sabemos da importância desse trabalho para os apreciadores e pesquisadores de Machado de Assis. Assim, antes de cada citação, vêm as iniciais do título do periódico ou do livro em que se encontra a primeira publicação, bem como a

data, quando for o caso. No fim da citação, vem o número da página da obra em que a li, registrada em negrito.

Mesmo que o leitor não possa consultar o material nas minhas edições antigas, acredito que a indicação precisa da fonte vai facilitar-lhe a empreitada da consulta nas edições recentes. Seguem, em ordem alfabética, as obras e respectivas edições de onde retiramos os textos machadianos:

- A mão e a luva*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.
- A Semana*, v. 1 (1892-1893). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- A Semana*, v. 2 (1894-1895). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- A Semana*, v. 3 (1895-1900) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- A Semana [crônicas de 1894]. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 3, p. 23-316, jul.-dez. 2018.
- Bons dias!:* crônicas 1888-1889. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1990.
- Casa velha*. São Paulo: Ed. Martins, 1952.
- “Cherchez la Femme”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 15-8-1881. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>>. Acesso em: 15 out. 2017.
- Contos avulsos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- Contos e crônicas*. Org. e pref. e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- Contos esparsos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- Contos esquecidos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- Contos fluminenses*, v. 1. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- Contos fluminenses*, v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- Contos recolhidos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- Contos sem data*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- Correspondência*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.
- Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- Crítica literária*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

- Crítica teatral*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- Crônicas*, v. 1 (1859-1863). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1942.
- Crônicas*, v. 2 (1864-1867). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.
- Crônicas*, v. 3. (1871-1878) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944
- Crônicas*, v. 4. (1878-1888) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944
- Crônicas de Lélío*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro/São Paulo/Bahia, 1958.
- Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: INL, 1965.
- Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1949.
- Esau e Jacó*, 2 ed. rev. Estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários por Letícia Malard. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- Harmonias errantes*, de Francisco de Castro – Introdução. Rio de Janeiro: Tip. de Moreira, Maximino & C., 1878. p. VII-XII.
- Helena*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- Histórias românticas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- Histórias sem data*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.
- Memorial de Aires*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- Memórias póstumas de Brás Cubas*, 2 ed. rev. Estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários por Letícia Malard. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- Páginas esquecidas*. Rio: Casa Mandarin, [1939].
- Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- Papéis avulsos*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.
- Poesias completas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.
- Quincas Borba*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1951.
- Relíquias de casa velha*, v. 1. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- Relíquias de casa velha*, v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- Ressurreição*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.
- Teatro*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- Várias histórias*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

PENSAMENTOS DE MACHADO DE ASSIS

(recolhidos e organizados por Letícia Malard)

Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839

1855

Dispersos de Machado de Assis

(MF-18-5) Júlia (poema)

Tu és a formosa lua
Percorrendo o azul dos céus,
Retratando sobre a linfa
Os seus alvacentos véus. (p. 6)

(MF-23-11) O Pão d'Açúcar (poema)

Salve, altivo gigante, mais forte
Que do tempo o cruel bafejar,
Que avançado campeias nos mares,
Seus rugidos calado a escutar. (p. 24)



1856

Dispersos de Machado de Assis

(MF-10-06) Ideias Vagas: a Poesia (artigo)

Sabeis o que é a poesia?

É difícil explicá-la: é um sentir sem definição; é uma palavra que o anjo das harmonias segreda no mais íntimo d'alma, no mais fundo do coração, no mais recôndito do pensamento. A alma, e o coração, e o pensamento compreendem essa palavra, compreendem à linguagem em que lhe foi revelada – mas não a podem dizer nem exprimir. (p. 29)

(MF-31-07) Ideias Vagas: A Comédia Moderna (artigo)

O teatro, assim como a imprensa, é uma página brilhante pela qual se conhece o estudo e o grau de civilização de um povo. (p. 31)



1857

Dispersos de Machado de Assis

(M-23-10) Amanhã (poema)

Um olhar, um olhar desses teus olhos!
Eu o peço, mulher! sobre o meu túmulo
Um olhar de afeição!
Assim o sol – o ardente rei do espaço
Deixa um raio cair nas folhas secas
Que matizam o chão! (p. 47)

(M-25-12) Deus em Ti (poema)

É ao sentir as tuas asas brancas,
Ó meu anjo de amor,
Que eu reconheço a mão do rei da terra
E creio no Senhor! – (p. 49)



1858

Dispersos de Machado de Assis

(P-11-04) Vem! (poema)

Como um círio fantástico de amores
Tanta luz sobre a praia a lua entorna!
Oh! deixa aos raios do luar saudoso
Ornar de flores essa fronte morna! (p. 68)

(CM-25-10) Esperança (poema)

A poesia é um dom onipotente;
Não desmintamos a missão gloriosa,
Profetas do Senhor! (p. 70)



1859

Crítica Teatral

(OE-11-09) Revista dos Teatros

A vida, li não sei onde, é uma ponte lançada entre duas margens de um rio; de um lado e do outro a eternidade. (p. 25)

(OE-18-09) Revista dos Teatros

Dia de muito é véspera de nada. (p. 34)



Crônicas, v. 1

(OE-18-9) Aquarelas II – O Parasita

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte em que há ambiente de porco assado. (p. 16)



Dispersos de Machado de Assis

(M-07-10) Magdalena (fragmento de romance)

Ah! Senhora, para quem ama esperar é morrer. (p. 111)



Crítica Teatral

(OE-23-10) Revista dos Teatros

Só se lavra a terra produtiva; nas estéreis deixa-se crescer o mato. (p. 75)

(OE-12-11) Revista dos Teatros

Desta vez realizei um provérbio... oriental creio eu: ninguém deve contar com as suas esperanças; verdade tão simples que não precisava as honras de um provérbio. (p. 98)

Creio ainda que a consciência do dever é alguma cousa; e que a fortuna pública não está só em um farto erário, mas também na acumulação e circulação de uma riqueza moral. (p. 99)



1860

Páginas Esquecidas

(M-20 e 27-03) Hoje avental, amanhã luva (teatro)

As mulheres são como os logogrifos. O espírito se perde no meio daquelas combinações. (p. 22)

Não sabes o que é um baile. Vais ficar extasiada. É um mundo fantástico, ébrio, movediço, que corre, que salta, que ri, em um turbilhão de harmonias extravagantes. (p. 34)



Dispersos de Machado de Assis

(M-30-03) Odisseia dos vinte anos (teatro)

A humanidade é como o touro, gosta de púrpuras, gosta dos ouropéis. (p. 151)



1861

Crônicas, v. 1

(M-19 e 23-04) Queda que as mulheres têm para os tolos (crônica)

“O tolo não se faz, nasce feito.” (p. 174)

O amor, disse alguém, é uma jornada, cujo ponto de partida é o sentimento, e cujo termo inevitável a sensação. Se é isto verdade, o que há a fazer, é embelecer a estrada e chegar o mais tarde possível ao fim. (p. 177)

(DRJ-01-11)

Em nosso país a vulgaridade é um título, a mediocridade um brasão; para os que têm a fortuna de não se alarem além de uma esfera comum é que nos fornos do Estado se coze e tosta o apetitoso pão de ló, que é depois repartido por eles, para glória de Deus e da pátria. (p. 54-55)

(DRJ-01-11)

Há razão para ambas as partes, e cumpre acatar os sentimentos alheios para que não desrespeitem os nossos. (p. 62)

(DRJ-10-11)

Muita gente fala em egoísmo, sem definir propriamente o que ele é. Em minha opinião, que não dou como infalível, ele vale tanto como o instinto de conservação, que reside nas organizações animais; é, por assim dizer, o instinto moral, que procura para o espírito o que o instinto animal procura para os sentidos. (p. 71)

(DRJ-29-12)

O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco. (p. 111)



Teatro

Desencantos

Mas a sinceridade nem sempre é companheira da paixão. (p. 34)

Não lhe disse há pouco que o senhor via as cousas através de um vidro de cor? É o óculo da fantasia, óculo brilhante, mas mentiroso, que transtorna o aspecto do panorama social, e que faz vê-lo pior do que é, para dar-lhe um remédio melhor do que pode ser. (p. 44-45)

PEDRO ALVES – Por que não tenta a política?

LUÍS – Porque a política é uma vocação, e quando não é vocação é uma especulação. (p. 61-62)

LUÍS – É que os homens, que inventaram a expiação legal, consagram também uma expiação moral. Quando esta não se dá, o perdão não é um dever, porém, uma esmola que se faz à consciência culpada, e tanto basta para o desempenho da caridade cristã. (p. 77)



1862

Crônicas, v. 1

(DRJ-07-01)

O boato é um ente invisível e impalpável, que fala como um homem, está em toda a parte e em nenhuma, que ninguém vê donde surge, nem onde se esconde, que traz consigo a célebre lanterna dos contos arábicos, a favor da qual se avanteja em poder e prestígio, a tudo o que é prestigioso e poderoso. (p. 121)

(SI-27-07)

Preleções de Gramática

A inveja afasta os homens uns dos outros. (p. 206)

O talento chama inimigos. (p. 206)

O interesse é o irmão de muitas amizades. (p. 206)

Quem não tem dinheiro não tem amigos. (p. 209)

O interesse individual é a grande mola dos partidos políticos do mundo. (p. 209)

(F-15-09)

Não te envolvas em polêmicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das ideias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. (p. 314)



1863

Crônicas, v. 1

(F-15-01)

Entenda-se, porém, uma cousa: nas minhas observações literárias nunca levo pretensão a crítico. Tal não me supponho, mercê de Deus. A crítica é uma missão que exige credenciais valiosas, de cuja mímica não me coro de vergonha em confessar, como não tenho vaidade em referir as pouquíssimas cousas que sei. (p. 346-347)



Teatro

O Caminho da porta

DOUTOR – Descobri que o amor é uma pescaria. O pescador senta-se sobre um penedo, à beira do mar. Tem ao lado uma cesta com iscas; vai pondo uma por uma no anzol e atira às águas a pérfida linha. Assim gasta horas e dias até que o descuidado filho das águas agarra no anzol, ou não agarra e... (p. 87)

Olha, há Penélopes da virtude e Penélopes do galanteio. Umas fazem e desmancham teias por terem muito juízo; outras as fazem e desmancham por não terem nenhum. (p. 88)

VALENTIM – Os homens, que inventaram tanta cousa, inventaram também este sentimento. Para dar justificação moral à união dos sexos inventou-se o amor, como se inventou o casamento para dar-lhe justificação legal. Esses pretextos, com o andar do tempo, tornaram-se motivos. Eis o que é o amor! (p. 125)

– Quando não se pode atinar com o caminho do coração, deve-se tomar sem demora o caminho da porta. (p. 127)

O Protocolo

Curioso animal que é o homem! Em criança deixa a casa paterna para acompanhar batalhões que vão à parada; na mocidade deixa os conchegos e a paz para seguir a fada do amor; na idade madura deixa-se levar pelo deus Momo da política ou por qualquer outra fábula do tempo. Só na velhice deixa passar tudo sem mover-se, mas... é porque já não tem pernas! (p. 133)

ELISA – A que pode levá-lo esse amor? Mais vale sufocar no coração a chama nascente do que condená-la a arder em vão. (p. 135)

Coração e charuto são símbolos um do outro; ambos se queimam e se desfazem em cinzas. Olha, este charuto, sei eu que o tenho para fumar; mas o coração, esse creio que já está todo no cinzeiro. (p. 156)



1864

Teatro

Quase Ministro

PACHECO – Em política, ser lógico é ser profeta. Apliquem-se certos princípios a certos fatos, a consequência é sempre a mesma. Mas é mister que haja os fatos e os princípios... (p. 178)

O *deficit* é o leão de Nemeia; é preciso matá-lo. (p. 203)



Crônicas, v. 1

(SI-01-05)

Os nossos maiores diziam que a roupa suja lava-se em casa, e por isso desde que imoralidade é roupa suja, não posso ver com bons olhos ela lavada à vista de todo o mundo. (p. 275)

(SI-12-05)

O anúncio é a verdadeira ciência moderna.
Dize-me como anuncias, dir-te-ei que manhas tens. (p. 286)

(SI-15-05)

Os guardanapos parlamentares andam um pouco estragados. Diz o rifão que – quem nunca comeu mel quando come se lambuza. Não quero fazer

aplicação do ditado, mas todo o mundo está vendo que no banquete político está sentada muita gente com a boca suja. (p. 292-293)



Contos e Crônicas

(DRJ-26-06)

Deste ou daquele modo que seja – viajar é, – como eu já disse em outra ocasião, como o leitor terá dito consigo, – viajar é multiplicar a vida. (p. 97)

(DRJ-26-06)

A viagem é ainda a verdadeira pedra de toque do amor, que se alenta e cresce, com a distância, uma vez que seja verdadeiro e elevado. (p. 97)



Crônicas, v. 2

(DRJ-14-08)

S. Exa. esquece, decerto, que há duas cadeiras do representante da nação: uma no parlamento, outra na opinião pública; e que muitas vezes o indivíduo ainda ocupa a primeira, quando já tem perdido a outra há muito tempo. (p. 97)

(DRJ-24-10)

É uma santa cousa a democracia – não a democracia que faz viver os espertos, a democracia do papel e da palavra, – mas a democracia praticada honestamente, regularmente. Quando ela deixa de ser sentimento para ser simplesmente forma, quando deixa de ser ideia para ser simplesmente feitio, nunca será democracia, – será espertocracia, que é sempre o governo de todos os feitios e de todas as formas.

A democracia, sinceramente praticada, – tem os seus Gracos e os seus Franklins; quando degenera em outra cousa tem os seus Quixotes e os seus Panças, Quixotes no sentido da bravata, Panças no sentido do grotesco. Arreia-se então a mula de um e o rocinante de outro. Cinco palmos de seda, meia dúzia de vivas, uma fila de tambores, – é quanto basta então para levar o povo atrás de um fanfarrão ao ataque de um moinho ou à defesa de uma donzela. (p. 212)



Contos Avulsos

(JF-10) O Anjo das Donzelas (conto)

Quinze anos! é a idade das primeiras palpitações, a idade dos sonhos, a idade das ilusões amorosas, a idade de Julieta; é a flor, é a vida, é a esperança, o céu azul, o campo verde, o lago tranquilo, a aurora que rompe, a calhandra que canta, Romeu que desce a escada de seda, o último beijo que as brisas da manhã ouvem e levam, como um eco, ao céu. (p. 10)

Mas qual é a lei geral da humanidade? É não aceitar aquilo que se lhe dá, para ir buscar aquilo que não poderá obter. (p. 22)



1865

Histórias Românticas

(JF-01) Questão de Vaidade (conto)

Não sei que haja alguém que possa resistir às lágrimas de uma mulher. Falo das lágrimas sinceras. É o que há mais poderoso para desarmar a cólera ou comover o egoísmo. É como que um protesto de fraqueza; e resistir-lhes não é de alma nobre nem de consciência elevada. (p. 39)



Crônicas, v. 2

(DRJ-24-01)

Se os diversos representantes do império que trataram por tantos anos das reclamações brasileiras em Montevidéu me prometem, sob palavra, que não tiram destas linhas nenhuma alusão pessoal, acrescentarei aquilo que já foi escrito e repetido um milhão de vezes, em todas as línguas, a saber: que a diplomacia é a arte de gastar palavras, perder tempo, estragar papel, por meio de discussões inúteis, delongas e circunloquções desnecessárias e prejudiciais. (p. 296)

(DRJ-24-01)

Vejam daí qual não foi o meu júbilo, lendo ultimamente nas folhas da Europa uma nota de Teodoro, imperador da Abissínia, ao vice-rei do Egito. É a nota mais concisa e mais franca que tenho lido. O monarca africano diz em poucas palavras o que pensa e o que quer. Não usa de introdução, nem fecho oficial. Não há franjas inúteis: é tudo pano, e uma boa amostra de pano.

A ideia não está ali como em um leito de Procusto, esticada e retesada até dar para certas dimensões de palavreado inútil.

Por exemplo, – Teodoro julga que o vice-rei do Egito, filho do Crescente, é um filho do Erro. Não recorre à biblioteca para dizê-lo. Começa a nota por estas simples palavras:

“Filho do Erro!

“Os teus antecessores, por surpresa e por traição, roubaram aos meus antepassados as ricas províncias do Soudan.

“Restitui-m’as, seremos amigos.

“Se recusares, é a guerra. Mas o sangue de tantos bravos deve correr por causa da nossa pendência?

“Ouve e reflete: provoco-te a um combate singular.

“Revestido de todas as tuas armas, e eu das do meu país, vem: entre nós dous, Deus nos julgará.

“Um combate à morte; ao vencedor, o universo.

“Espero!” (p. 297-298)

(DRJ-24-01)

A mania dos tutores dos povos é distribuir a liberdade, como caldo à portaria do convento; e a desgraça dos povos tutelados é receber a caldeirada como um favor dos amos, augustos e não augustos. (p. 301)

(DRJ-24-01)

A verdade sai do poço, sem indagar quem se acha à borda. (p. 301)

(DRJ-21-02)

Estamos longe de contestar nada disso; mas precisamos acaso acrescentar uma verdade comezinha, a saber, que as melhores intenções deste mundo e os esforços mais sinceros não dão a menor parcela de virtude àquilo que teve origem do erro, nem transformam a natureza do fato consumado? (p. 326-327)

(DRJ-02-05)

É pelos domingos que se tiram os dias santos. (p. 406)



Contos e Crônicas

(SI-14-05) Conversas com as Mulheres (conto)

Não há para mim mais honra ou posição que iguale à posição do homem que se ajoelha aos pés de uma mulher, nem honra tamanha como a de lhe beijar a fímbria do vestido.

Porque da fímbria do vestido passa-se aos lábios, e os lábios são a fímbria dos cortinados celestes... (p. 105)



Contos sem Data

As forcas caudinas (teatro) – peça aproveitada no conto “Linha Reta e Linha Curva”, em **Contos Fluminenses**, v. 1

O tempo está nas nossas impressões. Há meses para os infelizes e minutos para os venturosos! (p. 245)



Contos Fluminenses, v. 1

Linha Reta e Linha Curva

(JF-10)

Demais, o charuto é um verdadeiro *memento homo*: convertendo-se pouco a pouco em cinzas, vai lembrando ao homem o fim real e infalível de todas as coisas; é o aviso filosófico, é a sentença fúnebre que nos acompanha em toda a parte. (p. 248-249)

(JF-11)

Dize-me como moras, dir-te-ei quem és. (p. 256)



1866

Crítica Literária

(DRJ-06/02) “Cantos e Fantasias”, por Fagundes Varela

Se há neste volume mais de uma imperfeição, se por vezes aparecem os descuidos de forma e de locução, não façamos desses cochilos de Homero grande cabedal; aconselhemos, sim, ao autor que não erija em sistema um defeito que pode diminuir o mérito das suas obras. Vê-se pelos bons versos que ele nos dá, quanto lhe é fácil produzir certo apuro na forma; emendar não prova nunca contra o talento, e prova sempre a favor da reflexão; e o tempo, cremos ter lido isto algures, só respeita aquilo que é feito com tempo; máxima salutar que os poetas nunca deviam esquecer. (p. 105)



Contos Recolhidos

(JF-04) Uma Excursão Milagrosa (última versão de “O País das Quimeras”)

Viajar é multiplicar-se. (p. 119)

O amor contrariado, quando não leva a um desdém sublime da parte do coração, leva à tragédia ou à asneira. (p. 124)



Crítica Teatral

(08-05) O Teatro de Joaquim Manuel de Macedo

Para fazer rir não precisa empregar o burlesco; o burlesco é o elemento menos culto do riso. (p. 278-279)



Contos Recolhidos

(JF-06) O que São as Moças

O amor é isto, Júlia: é problema que só a morte ou o casamento resolve. (p. 250)



Contos Esparsos

(JF-06) A Felicidade pelo Casamento

Dividi minha alma, esmigalhei a minha vida, e às mãos cheias lancei os melhores fragmentos a esmo, na terra úbera e no chão pedregoso. Foi preciso cantar, cantei; era dócil a imaginação e eu deixei-a correr à solta; foi preciso chorar, chorei; as lágrimas podiam comprar a ventura; foi preciso confiar, confiei; a confiança prepara o coração e legitima os desejos. (p. 229)

“Há tempo de guerra e de paz, diz o *Eclesiastes*.
“E no meio da guerra é que melhor se apreciam os benefícios da paz.
(p. 229.)



1867

Contos Avulsos

(JF-02) Possível e Impossível

As lágrimas não são somente o apanágio da fraqueza, são também o sintoma da elevação e da delicadeza dos sentimentos. (p. 117)



Crônicas, v. 2

(DRJ-05-03)

Eu creio que há em todo o império uma soma de políticos capaz de formar cinco ou seis câmaras. É que não há outra classe mais numerosa no Brasil. Divide-se essa classe em diversas seções: políticos por vocação, políticos por interesse, políticos por desfastio, políticos por não terem nada que fazer. (p. 430)

(DRJ-12-03)

A Vênus de Homero denunciava-se apenas pelo andar; a senhora tem a mesma qualidade divina: basta aparecer para revelar quem é. E reconheço que não é por falta de esforços seus, porquanto a comparar somente o vestuário, é difícil distinguir hoje uma mulher pública de uma mulher honesta. (p. 432)

(DRJ-12-03)

Há em todos os homens um pouco de Narciso; a senhora que é um espelho, está destinada a refletir-lhes o orgulho de possuir. A esposa é apenas uma casaca, traje comum; a hetaira é uma farda agaloada de ouro. (p. 438)

(DRJ-12-03)

Os arrojos da juventude, as ilusões, os cantos e os sorrisos próprios da alvorada da vida, acaso os tem a falange de velhos prematuros, que contam vinte anos pelo calendário e cinquenta pela fadiga? E a coroa da velhice, que é uma cousa augusta, as santas cãs, que a aproximação do túmulo vai transformando em monumento, acaso as encontramos nos anciãos refeitos que encobrem os setenta anos do calendário com uma primavera artificial e ruidosa? (p. 438)

(DRJ-12-03)

Para entrar na casa de Deus não basta um vestido preto; é preciso uma alma nova, isto é, uma intenção pura. Dirá a senhora que a regra vale para outros pecadores igualmente reincidentes. Tem razão; mais razão terá se disser que esta sociedade não tem o espírito, mas o hábito religioso; – tem as obras, e não tem a fé, que está acima das obras. (p. 439-40)



Contos Recolhidos

(JF-05) O Último Dia de um Poeta

Ó infinito, é enfim para ti que eu vou, como gota de água desviada que se recolhe ao oceano! Disse há pouco para consolar minha mãe, mas disse o que realmente é: a morte é livramento, não é aniquilamento. Sinto que há dentro de mim uma coisa que anseia por livrar-se desta prisão para lançar-se na eternidade e no infinito. (p 207)



Contos e Crônicas (crônica)

(SI-10-11) Pontos e Vírgulas

Este pode comparar-se a um sujeito que interrogado sobre o que era operação cesariana, respondeu afoitamente que era um segredo da estratégia de César, uma operação que ele empregava nos casos difíceis para vencer batalhas. (p. 121)



1868

Contos Esparsos

(JF-01) Não é o Mel para a Boca do Asno

Ver a mulher amada chorar por outro não é a maior dor deste mundo?
(p. 72)

Hortênsia já se envergonhava de ter amado aquele homem.
De todas as derrotas do amor, esta é decerto a pior. O ódio é cruel, mas a
vergonha é aviltante. (p. 80)

(JF-06) Quinhentos Contos

O casamento para as mulheres é como o governo para os homens de
Estado: não se pode estar muito tempo sem pasta. (p. 113)

Pergunta-lhe o que é a vontade. É a alavanca do mundo, responderá ele. (p.
118)

Se quiseres saber o que é a imaginação, diz-te logo que é um fardo para as
cabeças ocas. (p. 118)



Contos e Crônicas

Pontos e Vírgulas (crônicas)

(SI-12-07)

Dos dois sistemas é evidente que o meu é o melhor, pela razão simples de que não vale a pena falar em público quem fala como o dito público. (p. 138)

(SI-12-07)

A hilaridade é um sintoma de saúde: *ergo*, o senado está perfeitamente disposto. (p. 141)

(SI-20-12)

Digo mais: pode ser ambas as coisas a um tempo, porque, se repararmos bem, a arte da política e a arte da cozinha têm o mesmo princípio fundamental: mexer, temperar e servir. Bom político e bom cozinheiro é aquele que mexe bem, tempera com tento e serve a horas próprias. (p. 151)



1869

Contos Fluminenses, v. 1

(JF-01) Luís Soares

Disse-lhe que naquela situação não via solução possível, e confessou ingenuamente que a ideia do suicídio o havia alimentado durante longas horas.

– Um suicídio! exclamou Pires; estás doido.

– Doido! respondeu Soares; entretanto não vejo outra saída neste beco. Demais é apenas meio suicídio, porque a pobreza já é meia morte. (p. 54)



Contos e Crônicas

Pontos e Vírgulas (crônicas)

(SI-31-01)

Por outro lado, a missão do soldado não é só destruir, como não é a missão de coisa nenhuma deste mundo; – destruir e construir, construir e destruir, eis a regra invariável da vida. (p. 165)

Badaladas (crônicas)

(SI-25-07)

A política mineira é uma política meditativa como o mamífero de suas fazendas. (p. 184)



1870

Falenas

Uma Ode de Anacreonte (fragmento de teatro em verso)

O bem não alcançado é como o bem perdido,
Pouco a pouco se esvai na mente e coração:
Põe o mar entre nós... dissipa-se a ilusão. (p. 142)

Pálida Elvira (poema)

“A doutrina da vida é esta: espera,
“Confia, e colherás a ansiada palma;
“Oxalá que eu te apague essa quimera.
“Lá diz o bom Demófilo que à alma,
“Como traz a andorinha a primavera,
“A palavra do sábio traz a calma.
“O sábio aqui sou eu. Ris-te, pequena?
“Pois melhor; quero ver-te uma açucena!” (p. 164)

Pálida Elvira (poema)

O amor faz monossílabos; não gasta
O tempo com análises compridas;
Nem é próprio de boca amante e casta
Um chuva de frases estendidas;
Um volver d’olhos lânguido nos basta
A conhecer as chamas comprimidas;
Coração que discorre e faz estilo,
Tem as chaves por dentro e está tranquilo. (p. 170)



Contos Fluminenses, v. 1

Miss Dólar

O ridículo é uma espécie de lastro da alma quando ela entra no mar da vida; algumas fazem toda a navegação sem outra espécie de carregamento. (p. 19)

Amor repellido é amor multiplicado. (p. 26)



Contos Recolhidos

O Capitão Mendonça

(JF-4)

A incredulidade de hoje é a sagração de amanhã. A verdade desconhecida não deixa de ser verdade. É verdade por si mesma, não o é pelo consenso público. (p. 170)

(JF-4)

Para introduzir na composição de uma criatura humana a consciência, deita-se no alambique uma onça de mercúrio. Para fazer a vaidade dobra-se a dose do mercúrio, porque a vaidade, segundo a minha opinião, não é mais que a irradiação da consciência; à contração da consciência chamo eu modéstia. (p. 171)

(JF-5)

A felicidade é a mais rara coisa deste mundo. (p. 177)

(JF-5)

Berrem os praguentos, embora, – tu és a rainha do mundo, ó superstição.
(p. 183)



1871

Contos Esparsos

A Felicidade

(JF-3)

O dinheiro é uma espécie de molho que faz passar na goela as mais insípidas viandas deste mundo. (p. 211)



Histórias Românticas

Almas Agradecidas

(JF-3)

Nada vale mais que um amor verdadeiro e desinteressado. Não se me há de censurar, porém, que eu procure ver o lado prático das coisas; um coração de ouro vale muito; mas um coração de ouro com ouro vale mais. (p. 110)



Contos e Crônicas

Badaladas (crônicas)

(SI-29-10)

Um ratoneiro é um homem que vive assentado num saco de pólvora ao pé de uma fogueira. É mais do que isso: é um ministro de Estado, que desde o dia em que nasce começa a morrer. (p. 244)



Histórias Românticas

O Caminho de Damasco

(JF-11)

Também ali estava uma grande parte da áurea juventude, – *la jeunesse dorée*, – comentando o acontecimento do dia ou encarecendo a beleza da moda. Estranharia aquela designação quem reparasse que entre os rapazes havia também algumas suíças grisalhas e outras totalmente brancas. Mas essas suíças podiam responder-lhe que a mocidade não é um aspecto, mas um fato interior, e que o gelo pode cobrir a cumeada da seara sem descer à planície. Planície, neste caso, é sinônimo de coração. (p. 132)

(JF-12)

No caminho de Damasco, uma visão o converteu. Esse homem era S. Paulo. Uniu-se à melhor das noivas, a Igreja, e oxalá vocês se amem tanto, como aqueles dois se amaram. Deus me perdoará a comparação, porque amar é estar perto do céu. (p. 193)



1872

Ressurreição (romance)

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. Geralmente são arrebiques de dama elegante, que se vê ou se crê bonita, e quer assim realçar as graças naturais. (p. 5)

O choro pertence ao cerimonial da separação. (p. 22)

Há amigos de oito dias e indiferentes de oito anos. (p. 24)

– Demais, continuou o doutor, animado pelo entusiasmo da viúva, a quadrilha francesa é a negação da dança, como o vestuário moderno é a negação da graça, e ambos são filhos deste século, que é a negação de tudo. (p. 40)

Mas eu estou a ler no teu rosto que a única maneira de te consolar deste naufrágio é dar-te outro navio. Só muito tarde te convencerás de que viver não é obedecer às paixões, mas aborrecê-las ou sufocá-las. (p. 57)

Parece filho daquele astrólogo antigo que, estando a contemplar os astros, caiu dentro de um poço. Eu sou da opinião da velha, que apostrofou o astrólogo: “Se tu não vês o que está a teus pés, por que indagas do que está acima da tua cabeça?”

– O astrólogo podia responder, observou a viúva, que os olhos foram feitos para contemplar os astros.

– Teria razão, minha senhora, se ele pudesse suprimir os poços. Mas que é a vida senão uma combinação de astros e poços, enlevos e precipícios? O melhor meio de escapar aos precipícios é fugir aos enlevos. (p. 59-60)

– Nada há, respondeu Batista com indiferença; nem eu pretendo cortejá-la. Mas, se o pretendesse, triunfaria; a paciência é a gazua do amor. (p. 61)

– Não lhe vejo mistério nenhum; o casamento é justamente isso; acalma os afetos para os tornar mais duradouros. (p. 62)

O álbum da viúva, que o médico abria pela primeira vez, estava já alastrado de prosa e verso. Nem tudo era bom, como acontece nesses livros, que são às vezes verdadeiros asilos de inválidos do Parnaso, onde as musas reumáticas e manetas vão soltar os seus gemidos (p. 77)

Algum homem pode gloriar-se de ser ingrato; dirá, com um moralista cético, que é uma maneira de ser independente. Mas ninguém é ridículo convencido; convencer-se é emendar-se. (p. 81-2)

Cada qual sabe amar a seu modo; o modo pouco importa; o essencial é que saiba amar. (p. 83)

A confiança também se parece com a indiferença, e a indiferença é o pior de todos os males. (p. 87-8)

– O amor não é isso que o senhor diz; não nasce de uma circunstância fortuita, nem de uma longa intimidade, é uma harmonia entre duas naturezas, que se reconhecem e completam. (p. 128)

O pedido que ela lhe fazia era mais afetuoso que judicioso; a um coração desenganado não há imediatamente compensações possíveis nem eficazes consolações. (p. 129)

Quando o coração padece não há maior importuno que um conversador indiferente e frívolo. (p. 134)

O amor é a lei da vida, a razão única da existência. (p. 154)

– Seria; mas a vida não é fábrica de sentimentos, não se vive como se romancesa. (p. 169)

Creio que o senhor tinha fama de celibatário convencido, e pela regra, um celibatário convencido é um noivo à mão. (p. 182)

A vida é uma ópera bufa com intervalos de música séria. (p. 184)

O casamento entre nós seria uma cerimônia apenas. Seria mais; seria o nosso infortúnio, e mais vale sonhar com a felicidade que poderíamos ter do que chorar aquela que houvéssemos perdido (p. 213)

Acredite o que lhe digo; amemo-nos de longe; sejamos um para o outro como um traço luminoso do passado, que atravesse indelével o tempo, e nos doure e aqueça os nevoeiros da velhice. (p. 215)



Histórias Românticas

Quem não Quer ser Lobo

(JF-05)

A previdência é a mãe da vitória. (p. 236)



Contos Esquecidos

Uma Loureira

(JF-05)

O nariz é um livro, até hoje pouco estudado pelos romancistas, que aliás se presumem grandes analistas da pessoa humana. Eu, quando vejo alguém pela primeira vez, não lhe estudo a boca nem os olhos, nem as mãos; estudo-lhe o nariz. Mostra-me o nariz, e eu direi quem és. (p. 91)

(JF-06)

Na opinião de Coutinho, o amor não vive só de mistério, vive também de distância. (p. 102)



Contos e Crônicas

Badaladas (crônicas)

(SI-08-09)

A faca é o ônibus da eleição, a cabeleira de rabicho do sufrágio político. O bacamarte é o telégrafo: rápido e expedito. (p. 247)

(SI-15-09)

Mas enfim nem só de graxa vive o homem. E não basta fazer luzir o sapato; é bom, é indispensável fazer luzir também o espírito. (p. 256)



Histórias Românticas

Qual dos Dois?

(JF-09)

– A vida é um ônibus, dizia ele; cada um paga a sua passagem e desce do veículo na primeira cova que encontra. (p. 243)

(JF-09)

Casar é fugir ao mundo; a bênção nupcial não é mais do que uma encomendação em regra. (p. 248)

(JF-09)

– A mulher, dizia ele, é um livro; o pé é o índice do livro. (p. 249)

(JF-10)

O casamento é a perfeita união de duas existências; e mais do que a união, é a fusão completa e absoluta. Se o casamento não é isto, é um encontro fortuito de hospedaria; apeiam-se à mesma porta, escolhem o mesmo aposento, comem à mesma mesa, nem mais, nem menos. Este é o casamento mais comum. O outro, o legítimo, o raro, esse é outra coisa que não isto. (p. 277)

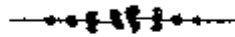


Contos Recolhidos

Rui de Leão

(JF-03)

Assim acabou este grande homem, após quase três séculos de existência, tendo colhido louros na guerra, na ciência e no parlamento; feliz no jogo e nos amores; mimoso na fortuna; homem enfim, que provou praticamente que a morte, longe de ser um mal, é um corretivo necessário aos aborrecimentos da vida. (p. 117)



Contos Esparsos

Canseiras em vão

(JF-08)

Que seria esta vida sem um pouco de romance e poesia? Uma sepultura turbulenta. (p. 166)



1873

Contos Fluminenses, v. 2

(JF-02)

Quem Conta um Conto

A briga de galos é o Jockey Club dos pobres. (p. 57)



Contos e Crônicas

(SI-23-03) Badaladas (crônicas)

O Sr. Cunha Leitão devia saber que Hamlet fala de uma terra encoberta e misteriosa, – “donde nenhum viajante ainda voltou” – e não pode ignorar que essa terra é uma comissão. (p. 291)

Agora o terceiro ingênuo da semana. É um jornal que se publica numa cidade interior da província, não longe do município neutro.

Noticiou ele a morte da avó de um comendador e dizia com ar melancólico: “A infausta notícia do prematuro passamento...” (p. 292)



Contos Avulsos

(JF-04) Tempo de Crise

A rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro. A certas horas do dia, pode a fúria celeste destruir a cidade; se conservar a rua do Ouvidor, conserva Noé, a família e o mais. Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias... (p. 237)

Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário para aqui também para ter o prazer de contemplar durante minutos uma destas vidraças rutilantes de riqueza, – porquanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom consigo, – é que a simples vista consola. (p. 237)



Contos Esquecidos

(JF-05) Decadência de Dois Grandes Homens

– Penso que homem gordo não faz revolução. O abdômen é naturalmente amigo da ordem; o estômago pode destruir um império; mas há de ser antes de jantar. (p. 22)

– Ah! meu rico senhor, a vida é uma eterna repetição. Todos inventam o inventado. (p. 23)



Contos Fluminenses, v. 2

Nem Uma nem Outra

(JF-08)

Com efeito, parece que o casamento é o remate natural da vida, e por isso aceito com braços abertos a sua ideia. (p. 128)

(JF-09)

Era natural; não se resiste a um influxo de uma beleza que nos ama e adoce por nós. A vaidade interessa-se primeiro; depois o coração. (p. 150)

(JF-09)

A lei é fatal; o amor é isto: um sentimento exclusivo, que nada reconhece diante de si, capaz de grandes dedicações mas também capaz de grandes ingratidões. (p. 166)



Histórias da Meia-Noite

(JF-11)

Quem Desdenha (com o título “Ponto de Vista”, nesse livro)

Não me dirá o que é o coração humano? Um logogrifo. Mistério! exclamará você ao ler estas linhas. Pois será. (p. 242)



1874

A Mão e a Luva (romance)

– O amor é uma carta, mais ou menos longa, escrita em papel velino, cortedourado, muito cheiroso e catita; carta de parabéns quando se lê, carta de pêsames quando se acabou de ler. (p. 20)

Excluído o receio, voltou-lhe o riso, aquele riso interior, que é o mais involuntário e cruel, e também o menos arriscado que a gente pode dar às fatuidades humanas. (p. 124)

– Parece-me, disse Mrs. Oswald, que não fiz mal em lhe dizer tudo o que sabia. Conselhos não lhe dou nenhuns; o melhor deles não vale a voz do próprio coração. O seu é puro e reto; consulte-o de boa vontade, e verá se há nele indiferença, ou se alguma faísca...

– Eu sei! interrompeu Guiomar. Não me lembrou consultá-lo nunca.

– Faz mal, ele é o relógio da vida. Quem o não consulta, anda naturalmente fora do tempo. (p. 135)



Contos Avulsos

Os Óculos de Pedro Antão

(JF-04)

As artes substituem os amores, quando estes são impossíveis. (p. 153)



Histórias Românticas

Miloca (conto)

(JF-11)

Onde a palavra não chega, chega uma carta. (p. 368)



Relíquias de Casa Velha, v. 2

Valério (conto)

(JF-12)

Sonhar é esquecer, e esquecer é muita vez toda a felicidade da vida. (p. 11)

(JF-12)

Odiar o pedantismo é entrar em luta com uma boa parte da gente que neste mundo dá cartas. (p. 11-2)



1875

Histórias Românticas

Miloca (continuação)

(JF-01)

Mas para um namorado repelido não há pior situação do que ver desejado um bem que lhe não pertence. (p. 385)



Relíquias de Casa Velha, v. 2

Valério (continuação)

(JF-02)

O sorriso é a elasticidade aplicada à conversação; diz tudo e nada; isto e aquilo; o mau e o bom; confessa e nega; aceita e recusa. (p. 27)

(JF-03)

Não era paixão que sentisse pela moça. Alguma simpatia, sim; esboço de amor. No entanto, ouvindo aquelas palavras, viu apresentar-se-lhe uma visão de felicidade; imaginou que a moça ardia por ele; e que há de melhor neste mundo do que ser amado? A vida é tão curta, os homens tão maus, os acontecimentos tão incertos, que uma criatura que nos ama é a imagem da

misericórdia de Deus. De quantos ódios, invejas, malquerenças, calúnias não consola o amor de uma mulher? (p. 41)



Contos Esparsos

Quem Boa Cama Faz

(JF-04)

A monotonia é o veneno do espírito. (p. 184)

(JF-05)

A lua é a imagem exata da felicidade; formosa de longe, vulgar de perto. (p. 190)



1876

Helena (romance)

Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence a seu tempo. (p. 5)

As dores alheias fazem lembrar as próprias, e são um corretivo da alegria, cujo excesso pode engendrar o orgulho. (p. 14)

Não se deliberam sentimentos; ama-se ou aborrece-se, conforme o coração quer. (p. 27)

D. Úrsula sorriu, um sorriso amarelo e acanhado, que apagou nos olhos da moça a alegria que os tornava mais lindos. Mas foi breve a má impressão; Helena caminhou para a tia, e pegando-lhe nas mãos, perguntou com toda a doçura da voz:

– Não quererá mostrar-me o seu?

– Não vale a pena! respondeu D. Úrsula com afetada bonomia; coração de velha é casa arruinada. (p. 37-38)

A reputação dos homens amorosos parece-se muito com o juro do dinheiro: alcançado certo capital, ele próprio se multiplica e avulta. (p. 44)

O medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito desfaz-se; basta a simples reflexão. (p. 61)

– Valem muito os bens da fortuna, dizia Estácio; eles dão a maior felicidade da terra, que é a independência absoluta. Nunca experimentei a necessidade; mas imagino que o pior que há nela não é a privação de alguns apetites ou desejos, de sua natureza transitórios, mas sim essa escravidão moral que submete o homem aos outros homens. A riqueza compra até o tempo, que é o mais precioso e fugitivo bem que nos coube. (p. 66-67)

A rigor, o tempo corre do mesmo modo, quer o desperdicemos, quer o economizemos. O essencial não é fazer muita coisa no menor prazo; é fazer muita coisa aprazível ou útil. (p. 68)

Os espíritos, disse ele, nascem condores ou andorinhas, ou ainda outras espécies intermediárias. A uns é necessário o horizonte vasto, a elevada montanha, de cujo cimo batem as asas e sobem a encarar o sol; outros contentam-se com algumas longas braças de espaço e um telhado em que vão esconder o ninho. Estes eram os obscuros, e, na opinião dele, os mais felizes. Não seduzem as vistas, não subjagam os homens, não os menciona a história em suas páginas luminosas ou sombrias; o vão do telhado em que abrigaram a prole, a árvore em que pousaram, são as testemunhas únicas e passageiras da felicidade de alguns dias. Quando a morte os colhe, vão eles pousar no regaço comum da eternidade, onde dormem o mesmo perpétuo sono, tanto o capitão que subiu ao sumo estado por uma escada de mortos, como o cabreiro que o viu passar uma vez e o esqueceu duas horas depois. Suas ambições não eram tão ínfimas como seriam as do cabreiro; eram as do proprietário do campo que o capitão atravessasse. Um bom pecúlio, a família, alguns livros e amigos, – não iam além seus mais arrojados sonhos. (p. 82-83)

Ora, eu falo de coisas sérias; e convém não confundir alhos, que são a metade prática da vida, com bugalhos, que são a parte ideológica e vã. (p. 83)

O casamento não é uma solução, penso eu; é um ponto de partida. O marido fará a mulher. Convenho que Eugênia não tem todas as qualidades que você desejaria; mas, não se pode exigir tudo: alguma coisa é preciso sacrificar, e do sacrifício recíproco é que nasce a felicidade doméstica. (p. 96)

O melhor modo de viver em paz é nutrir o amor-próprio dos outros com pedaços do nosso. (p. 103)

A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações. (p. 137)

Todo o incômodo é aprazível quando termina em legado. (p. 152)

Goethe escreveu um dia que a linha vertical é a lei da inteligência humana. Pode dizer-se, do mesmo modo, que a linha curva é a lei da graça feminil. (p. 165)

A reflexão corrigiu a espontaneidade, e o padre reassumiu o gesto usual, com essa dissimulação que é um dever, quando a sinceridade é um perigo. (p. 172)

Paixões de largos anos, chegando ao casamento, acabam muitas vezes pela separação ou pelo ódio, quando menos pela indiferença. O amor não é mais que um instrumento de escolha; amar é eleger a criatura que há de ser companheira na vida, não é afiançar a perpétua felicidade de duas pessoas, porque essa pode esvair-se ou corromper-se. Que resta à maior parte dos casamentos, logo após os anos da paixão? Uma afeição pacífica, a estima, a intimidade. Não peço mais ao casamento, nem lhe posso dar mais do que isso. (p. 174-175)

Estima-te, é certo; mas a estima é flor da razão, e eu creio que a flor do sentimento é muito mais própria no canteiro do matrimônio... (p. 201)

Mas a suspeita é a tênia do espírito; não perece enquanto lhe resta a cabeça. (p. 215)

Quando a suspeita germina na alma, o menor incidente assume um aspecto decisivo. (p. 217)

– Foi conveniente curar já; nenhuma precaução é inútil em coisa nenhuma da vida. (p. 219)

O passado é um pecúlio para os que já não esperam nada do presente ou do futuro; há ali sensações vivas que preenchem as lacunas de todo o tempo. (p. 281)

O vento tornara-se mais rijo; uma lufada os despertou, em má hora, porque há sonhos que deviam acabar na realidade do outro século. (p. 301)



Contos Fluminenses, v. 2

“To be or not to be”

(JF-03)

No dia, porém, em que perdeu a noiva e o emprego de cento e vinte mil-réis, com um insulto físico de quebra, não se matou, nem tentou matar-se, nem se lembrou de o fazer.

Tanto é certo que o suicídio depende mais das impressões e disposições do momento, que da gravidade do mal. (p. 291)



Contos Recolhidos

Longe dos Olhos

(JF-04)

Mas está-me a parecer que a felicidade que sonhamos quase nunca sai à medida dos nossos desejos, e que mais vale uma quimera que uma realidade. (p. 196)

(JF-04)

– Talvez tenha razão, disse ele enfim, a realidade não será sempre tal qual a sonhamos. Mas isto mesmo é uma harmonia na vida, é uma grande perfeição do homem. Se víssemos logo a realidade como ela há de ser quem daria um passo para ser feliz?... (p. 196)

(JF-05)

A desconfiança é uma triste companheira; arreda toda a felicidade. (p. 197)



Crônicas, v. 3

(IB-15-8)

Vejam o burro. Que mansidão! Que filantropia! Esse puxa a carroça que nos traz água, faz andar a nora e muitas vezes o genro, carrega fruta, carvão e hortaliças, – puxa o *bond*, cousas todas úteis e necessárias. No meio de tudo isso apanha e não se volta contra quem lhe dá. Dizem que é teimoso. Pode ser; algum defeito é natural que tenha um animal de tantos e tão variados méritos. Mas ser teimoso é algum pecado mortal? Além de teimoso, escuceia alguma vez; mas o couce, que no cavalo é uma perversidade, no burro é um argumento, *ultima ratio*. (p. 101)



Contos Esquecidos

Dona Mônica

(JF-08)

O que os namorados dizem de seu futuro não é coisa nova para ninguém; dizem tudo e não dizem coisa nenhuma, eloquência divina, que é melhor experimentar que julgar; mas julgue-a quem não experimentá-la. (p. 153)

(JF-09)

– Nesse caso, parece-te...
– Que não cedas a considerações de dinheiro, o que é prova de honestidade; mas que não há remédio se não ceder alguma vez a elas, o que é prova de reflexão. A mocidade passa e as apólices ficam. (p. 159)

(JF-09)

O pai reteve-a para lhe dizer em termos menos desabridos que ele não desaprovava nenhuma afeição que ela tivesse, mas que a vida não se compunha só de afeições, senão de interesses também e necessidades de toda a espécie. (p. 160)



Contos Esparsos

Uma Visita de Alcibíades (primeira versão)

(JF-10)

O fumo envolve a imaginação numa espécie de nimbo extremamente favorável às evocações mentais. (p. 204)



Crônicas, v. 3

(IB-01-10)

A soberania nacional é a cousa mais bela do mundo com a condição de ser soberania e de ser nacional. (p. 128)

(IB-15-10)

A facada, última evolução da rasteira, por um processo de seleção abdominal, merece uma monografia, que eu escreverei quando estiver desocupado. (p. 137)

(IB-01-12)

Os escorregões são uma forma de protestantismo. (p. 154)



Relíquias de Casa Velha, v. 2

Sem Olhos (conto)

(JF-12)

– Que tem isso? observou o desembargador apresentando a xícara ao criado para que lhe repetisse o chá; a vida do homem é uma série de infâncias, umas menos graciosas que as outras. (p. 95)



1877

Iaiá Garcia (romance)

O tempo, esse químico invisível, que dissolve, compõe, extrai e transforma todas as substâncias morais, acabou por matar no coração do viúvo não a lembrança da mulher, mas a dor de a haver perdido. (p. 18)

– O coração humano é a região do inesperado, dizia consigo o cético subindo as escadas da repartição. (p. 27)

O Sr. Antunes, que não era de extremas filosofias, tinha a convicção de que debaixo do sol, nem tudo são vaidades, como quer o Eclesiastes, nem tudo perfeições, como opina o doutor Pangloss; entendia que há larga ponderação de males e bens, e que a arte de viver consiste em tirar o maior bem do maior mal. (p. 41)

A vida não é uma égloga virgiliana, é uma convenção natural, que se não aceita com restrições nem se infringe sem penalidade. (p. 68)

Os corações discretos são raros; a maioria não é de gaviões brancos, que, ainda feridos, voam calados, como diz a trova; a maioria é das pegas, que contam tudo ou quase tudo. (p. 76)

De todas as aves raras a mais rara é um bom marido; mas o que é raro não é impossível. (p. 90)

A vida conjugal é tão somente uma crônica; basta-lhe fidelidade e algum estilo. (p. 95-96)

Parece que em geral os casamentos começam pelo amor e acabam pela estima; nós começamos pela estima: é muito mais seguro. (p. 104-105)

– Não se deixe apodrecer na obscuridade, que é a mais fria das sepulturas, dizia Procópio Dias, à mesa de um hotel, onde foram cear. (p. 120)

Não sou rigoroso; sei que as paixões governam os homens, e que a força de as reger não é vulgar. Por isso mesmo é que se estima a virtude. No dia em que a natureza se fizer comunista e distribuir igualmente as boas qualidades

morais, a virtude deixa de ser uma riqueza: fica sendo coisa nenhuma. (p. 175)

Das qualidades necessárias ao xadrez, Iaiá possuía as duas essenciais: vista pronta e paciência beneditina, qualidades preciosas na vida, que também é um xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas, outras perdidas, outras nulas. (p. 189)

Não me queixo; nunca me queixei de coisa nenhuma: quando estimo alguém, perdoo; quando não estimo, esqueço. Perdoar e esquecer é raro, mas não é impossível; está nas tuas mãos. (p. 221-222)

– Penso que o amor verdadeiro, ou ao menos o melhor, é o que não vê nada em volta de si, e caminha direito, resoluto e feliz aonde o leva o coração. (p. 231-232)

Há dores secas, como há cóleras mudas. (p. 267).



Relíquias de Casa Velha, v. 2

Sem Olhos (conto)

(JF-01)

A compaixão é um sentimento pérfido; abstenha-se dele ou combata-o. (p. 119)



Crônicas, v. 3

História dos Quinze Dias

(IB-01-03)

O testa de ferro, filho legítimo da descompostura e de cinco mil-réis, não é tão mau como dizem. Eu gosto dele, não porque me pareça que haja entre o testa de ferro e a liberdade da imprensa o menor contato, mas porque ele dá lugar a situações engenhosas, cômicas, e de um desenlace único e sempiterno. (p. 188-189)

(IB-01-03)

O moedeiro falso é um industrioso que só tem um de dous fins: galé ou palácio. Se escapa ao xilindró, vai direitinho à alta propriedade. (p. 191)

(IB-15-03)

Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. (p. 192-193)

(IB-15-03)

A diligência é um meio termo entre a tartaruga e o boi. (p. 197)

(IB-01-04)

Que é o homem senão uma duplicata de alma e de corpo? Uma duplicata de olhos, de orelhas, de braços, de pernas, de ombros. Tem, é

certo, um só nariz; mas esse nariz é uma duplicata de ventas. Tem uma só boca, mas essa boca é uma duplicata de lábios. Tudo neste mundo é duplicata. (p. 202)

(IB-01-05)

Este mês de maio, que é o mês das flores, vai ser o mês das artes, que são as flores do espírito. Bonita ideia! Não é sublime, mas tem a vantagem de ser chocha. (p. 216)

(IB-01-09)

A taberna é sempre pórtico de alguma cousa: da sepultura ou do xadrez. (p. 254)

(IB-15-10)

Era moço em toda a extensão da palavra; tinha o entusiasmo da mocidade, essa febre que o tempo cura para nos dar a triste regularidade da saúde. (p. 271)



Relíquias de Casa Velha, v. 2

Um Almoço (conto)

(JF-03)

Germano olhava para o palito, com que José Marques brincava, – olhar de inveja e desespero. Mas o dono do palito não dava por isso; extraía a boceta do bolso e tomava uma pitada.
– Queres?

Uma pitada a um que deseja um bife é certamente a mais pungente ironia do mundo. (p. 131)

(JF-03)

– Arranjemos roupa; não se há de perder a viagem por falta de uma vela latina... (p. 136)

(JF-04)

– A verdadeira paga do benefício é a gratidão do beneficiado. (p. 139)

(JF-04)

Nem só de pão vive o homem. Vive de pão e de crédito. (p. 140)

(JF-05)

Um homem, quando acontece ser amado por uma senhora, sem iniciativa dele, quase precisa que lhe vão levar a notícia à casa; a mulher é a primeira que vê incêndio na casa do vizinho. (p. 154)



Crônicas, v. 3

História dos Quinze Dias

(IB-01-06)

Um bisturi, por exemplo, não tem nada que faça tremer a passarinha: é um instrumento especial, liso, bonito. Nas mãos do cirurgião, em contato com

o nosso pelo, é quase uma visão da eternidade. Por isso tremo da ciência.
(p. 222-223)



Contos Esquecidos

A Melhor das Noivas

(JF-10)

Ninguém pode odiar a pessoa que o ama silenciosamente e sem esperança. O bom velho sentia-se lisonjeado da vegetação amorosa que seus olhos faziam brotar dos corações. (p. 67)



Crônicas, v. 3

História dos Quinze Dias

(IB-15-10)

Realmente, só há hoje dous meios de arrumar algumas notas na caixa: é fazê-las ou cantá-las. (p. 269)

(IB-01-11)

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar; outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a cousa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (p. 274)

(IB-15-12)

Quando começou a correr a voz de que o ilustre autor do *Guarani* sucumbira ao mal que de há muito o minava, todos recusavam dar-lhe crédito, tão impossível parecia que o criador de tantas e tão notáveis obras pudesse sucumbir ainda em pleno vigor do espírito.

Quando uma individualidade se acentua fortemente e alcança, através dos anos e dos trabalhos, a admiração de todos, parece ao espírito dos demais homens que é incompatível com ela a lei comum da morte. Uma individualidade dessas não cai do mesmo modo que as outras; não é um incidente vulgar, por mais vulgar e certo que seja o destino que a todos está reservado; é um acontecimento, em alguns casos é um luto público. (p. 292-293)



1878

Crônicas, v. 3

História dos Quinze Dias

(IB-01-01)

Tempo de guerra, mentira como terra. (p. 299)



Dispersos de Machado de Assis

(C-26-03) A Sonâmbula (ópera)

GARCEZ – (*estende-lhe os braços*) Ah! Senhor! Deixe-me apertá-lo ao coração. Troca por troca: eu restituo-lhe o boné; V. Sr. restitui-me a felicidade.

LOPES – (*conceituoso*) É a mesma cousa; a felicidade é o boné do espírito.
(p. 437)



Páginas Recolhidas

(C-02-04) Um Cão de Lata ao Rabo (conto)

A etimologia é a chave do passado, como a filosofia é a chave do futuro. (p. 173)

A vergonha é a lata ao rabo do caráter. (p. 174)

O furacão vinha retorcendo as árvores, essas torres da natureza, vinha abatendo as torres, essas árvores da arte; e rolava tudo, e aturdia tudo, e ensurdecia tudo. (p. 174)

O condor, que é o colibri dos Andes, tremia de terror, como o colibri, que é o condor das rosas. (p. 175)

(C-23-04) Filosofia de um Par de Botas

Mas, bem dizem os homens: não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. (p. 187)

– Não há bota velha que não encontre um pé cambaio. (p. 199)

(C-28-05) Elogio da Vaidade

Oh! a mãe que gerou o filho, que o amamenta e acalenta, que põe nessa frágil criaturinha o mais puro de todos os amores, essa mãe é Medeia, se a compararmos àquele engenho, que se consola da injúria, relendo-se; porque se o amor de mãe é a mais elevada forma do altruísmo, o dele é a mais profunda forma de egoísmo, e só há uma coisa mais forte que o amor materno, é o amor de si próprio. (p. 228)



Relíquias de Casa Velha, v. 2

(JF-04) A Herança (conto)

O casamento é uma viagem a Vassouras; não custa mais nem menos.
(p. 208)



Crônicas, v. 4

Notas Semanais

(C-02-06)

Com efeito, importa muito que a sobremesa tenha o primeiro lugar; crescendo que começar uma cousa pelo fim pode não ser o melhor modo de a acabar bem, mas é com certeza o melhor modo de a acabar depressa.
(p. 15-16)

(C-02-06)

Que os Estados Unidos começam de galantear-nos, é cousa fora de dúvida; correspondamos ao galanteio; flor por flor, olhadela por olhadela, apertão por apertão. Conjuguemos os nossos interesses, e um pouco também os nossos sentimentos; para estes há um elo, a liberdade; para aqueles, há outro, que é o trabalho; e o que são o trabalho e a liberdade senão as duas grandes necessidades do homem? (p. 18-19)

(C-23-06)

O vulgar, o reles, o ramerrão ameaçava-nos da pior das mortes, que é a vida sem peripécias, sem novidade, sem esse relâmpago do inesperado, com que a fortuna sabe quebrar a monotonia de um céu pasmadamente azul. (p. 38)

(C-07-07)

Dize-me se patinas, dir-te-ei quem és. (p. 65)

(C-07-07)

Se achares três mil-réis, leva-os à polícia; se achares três contos, leva-os a um banco. (p. 69)

(C-07-07-Pastelinhos)

“Sempre as finanças da Província!... eterno chavão das almas timoratas!” (p. 70)

“As finanças e sempre as finanças, esse hipogrifo que...” (p. 70)

“...o mestre, esse grande Davi da lira psíquica da infância...” (p. 70)

(C-14-07)

Não pude assistir a nenhuma das sessões; não posso dar, portanto, uma ideia da fisionomia da sala. O que incumbe especialmente à crônica, – aonde ninguém desce a buscar ideias graves nem observações de peso. A crônica é como a poesia; *çà ne tire pas à conséquence*. Quem passa por uma igreja, descobre-se; quem passa por um botequim, não se dá a esse trabalho; entra a beber uma xícara de café ou um gole; pede duas lérias aos amigos, quer ouvir morder na pele do próximo; exige cócegas, pelo menos. É assim a crônica. Que sabes tu, frívola dama, dos problemas sociais, das teses políticas, do régimen das cousas deste mundo? Nada; e tanto pior se soubesses alguma cousa, porque tu não és, não foste, nunca serás o jantar

suculento e farto; tu és a castanha gelada, a laranja, o cálice de Chartreuse, uma cousa leve, para adoçar a boca e rebater o jantar. (p. 75-76)

(C-28-07)

Podia acontecer alguma vez que ele tivesse calos e ela nervos, que são os calos das damas; mas a varinha da concórdia domava imediatamente esses dous flagelos. (p. 99-100)

(C-28-07)

A palestra é a imprensa falada, tratar nas palestras é o mesmo que tratar em escritos, com a diferença que os escritos podem não ser lidos, ou ser lidos até o meio, ou só bocejados, ao passo que nas palestras ouve-se até o fim, ingere-se o discurso inteiro, quando muito, sem pausas, o que é mais persuasivo. Há nisto um horizonte novo para os nossos homens públicos. (p. 104)

(C-04-08)

Campos disse consigo que a reputação da goiabada é inferior a uma nobre ambição política, e que a gratidão do estômago, posto seja ruidosa, é por extremo efêmera. Dura o espaço de um quilo, menos do que as estafadas rosas de Malherbe. (p. 110)

(C-04-08)

A vida fluminense compõe-se agora de óperas, corridas, patinação e pleito eleitoral; é um perpétuo bailado dos espíritos. (p. 118)

(C-11-08)

– Lavrar a terra, disse ele, é a profissão mais nobre e mais livre; é a que melhor põe as forças do homem paralelas às da natureza. (p. 126)

(C-18-08)

Ora, se por um lado é certo que o contribuinte é animal esquivo e bravo, por outro lado numerosas experiências têm verificado que o contribuinte voluntário equivale ao cisne preto e ao melro branco: *rari avis* (aves raras). (p. 140)

(C-18-08)

Também é certo que as cousas passam menos do que nós passamos, e que a velhice delas é muita vez o cansaço dos nossos olhos. Questão de óculos. A adolescência usa uns vidros claros ou azuis, que aumentam o viço e o lustre das cousas, vidros frágeis que nenhum Rei substitui nem conserta. Quebram-se e atiram-se fora. Os que vêm depois são mais tristes, e não sei se mais sinceros... (p. 142)

(C-25-08)

Dize-me com quem comes, dir-te-ei com quem votas. (p. 151)

(C-25-08)

Explicou-se o atleta com um adágio; disse que escorregar não é cair; adágio falso, como muitos outros, e em todo o caso sem aplicação. É falso o adágio, porque escorregão é eufemismo de queda. (p. 152)

(C-25-08)

Poeira nos olhos é a regra máxima de um tempo que vive menos da realidade que da opinião. Não nego que a candura é o corolário da força; mas o triste exemplo de Sansão é bastante para mostrar que um pouco de velhacaria não fica mal aos valentes. (p. 153)

(C-01-09)

Verdade é que, assim como a vida é entremeada de reflexões e pilhérias, também o folhetim pode, uma vez ou outra, sacudir a sua tosse parlamentar e deitar ao mundo uma ou duas observações de calibre sessenta. (p. 159)

(C-01-09)

Foi grande a satisfação, exceto nos porquinhos da Índia, animais escolhidos para ensaiar o veneno e o remédio. É o destino dos fracos; servem de experiência aos mais fortes, quando lhe não servem de nutrição. (p. 169)



Correspondência

(04-08) Carta a Francisco de Castro

(HE – prefácio)

Viu que não o louvei com excesso, nem o censurei com insistência; aponte-lhe o melhor dos mestres, o estudo; e a melhor das disciplinas, o trabalho. Estudo, trabalho e talento são a tríplice arma com que se conquista o triunfo. (p. 409)



Contos Fluminenses, v. 2

Dívida Extinta

(JF-11)

Está provado que a lua é o caminho do coração. (p. 342)



1879

Poesias Completas

O Almada

(RB-15-10, v. II)

E amar e ser amado é, neste mundo,
A tarefa melhor da nossa espécie,
Tão cheia de outras que não valem nada. (p. 426)



Crítica Literária

A Nova Geração

(RB, v. II)

A poesia não é, não pode ser eterna repetição; está dito e redito que ao período espontâneo e original sucede a fase da convenção e do processo técnico, e é então que a poesia, necessidade virtual do homem, forceja por quebrar o molde e substituí-lo. (p. 188)

Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente. (p. 254)



1880

Memórias Póstumas de Brás Cubas (romance)

Recuou o sol, sacudi todas as misérias, e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, que é o ministro da morte. (p. 37)

Mas é sestro antigo da Sandice criar amor às casas alheias, de modo que, apenas senhora de uma, dificilmente lhe farão despejar. É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. Agora, se advertirmos no imenso número de casas que ocupa, umas de vez, outras durante as suas estações calmosas, concluiremos que esta amável peregrina é o terror dos proprietários. (p. 47)

Que isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. (p. 48)

Fiquei só; mas a musa do capitão varrera-me do espírito os pensamentos maus; preferi dormir, que é um modo interino de morrer. (p. 77)

A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. (p. 86)

Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. (p. 88)

Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, essa flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro inebriante e subtil. (p. 90)

Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes. (p. 95)

Olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. (p. 96-97)

O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo. (p.103.)

Lá dentro, ela padecia, e não pouco, – ou fosse mágoa pura, ou só despeito; e porque a dor que se dissimula dói mais, é mui provável que Virgília padecesse em dobro do que realmente devia padecer. Creio que isto é metafísica. (p. 115)

Tinha velado uma parte da noite. De amor? Era impossível; não se ama duas vezes a mesma mulher, e eu, que tinha de amar aquela, tempos depois, não lhe estava agora preso por nenhum outro vínculo, além de uma fantasia passageira, alguma obediência e muita fatuidade. (p. 117)

Não há amor possível sem a oportunidade dos sujeitos. (p. 134)

Dias depois disse-me todos os seus tédios e desfalecimentos, as amarguras engolidas, as raivas sopitadas; contou-me que a vida política era um tecido de invejas, despeitos, intrigas, perfídias, interesses, vaidades. (p. 136)

O mundo era assaz vasto, e eu tinha os meios de viver onde quer que houvesse ar puro e muito sol; ele não chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes ações, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe. (p. 145)

O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas. (p. 155)

Se não fossem os meus amores, provavelmente Dona Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas; donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã. (p. 162)

Digam o que quiserem dizer os hipocondríacos: a vida é uma cousa doce. (p. 169)

A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana. (p. 170)

Quem escapa a um perigo ama a vida com outra intensidade. (p. 175)

Tudo se deve dizer: havia no Lobo Neves certa dignidade fundamental, uma camada de rocha, que resistia ao comércio dos homens. As outras, as camadas de cima, terra solta e areia, levou-lhas a vida, que é um enxurro perpétuo. (p. 177)

Retirou-se o doutor B. e respirámos. Uma vez respirados, disse eu ao Jacob que ele acabava de mentir quatro vezes, em menos de duas horas: a primeira, negando-se; a segunda, alegrando-se com a presença do importuno; a terceira, dizendo que ia sair; a quarta, acrescentando que com a mulher. Jacob refletiu um instante, depois confessou a justeza da minha observação, mas desculpou-se dizendo que a veracidade absoluta era incompatível com um estado social adiantado, e que a paz das cidades só se podia obter à custa de embaçadelas recíprocas... (p. 177-178)

Propriamente, adulava-o; mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma cousa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição. (p. 178)

O voluptuoso, o esquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheado, inacessível, ausente. O mais que podem dizer, quando ele torna a si, – isto é, quando torna aos outros, – é que baixa do mundo da lua; mas o mundo da lua, esse desvão luminoso e recatado do cérebro, que outra cousa é senão a afirmação desdenhosa da nossa liberdade espiritual? (p. 194)

Em verdade, as aventuras são a parte torrencial e vertiginosa da vida, isto é, a exceção; eu estava enfiado delas; não sei até se me punha algum remorso. (p. 202)

Disse-me ele que a frugalidade não era necessária para entender o Humanitismo, e menos ainda praticá-lo; que esta filosofia acomodava-se facilmente com os prazeres da vida, inclusive a mesa, o espetáculo e os amores; e que, ao contrário, a frugalidade podia indicar certa tendência para o ascetismo, o qual era a expressão acabada da tolice humana. (p. 203-204)

Pareceu-me então (e peço perdão à crítica, se esse meu juízo for temerário!) pareceu-me que ele tinha medo – não medo de mim, nem de si, nem do código, nem da consciência; tinha medo da opinião. Supus que esse tribunal anônimo e invisível, em que cada membro acusa e julga, era o limite posto à vontade do Lobo Neves. (p. 207)

CAPÍTULO CXIII – A solda

A conclusão, se há alguma no capítulo anterior, é que a opinião é uma boa solda das instituições domésticas. (p. 208)

Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos, são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude. (p. 214)

Suporta-se com paciência a cólica do próximo. (p. 217)

Matamos o tempo; o tempo nos enterra. (p. 217)

Crê em ti; mas nem sempre duvides dos outros. (p. 217)

Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar. (p. 217)

Arguíam-no de avareza, e cuidou que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o *deficit*. (p. 221)

Aparentemente, nada há entre as damas turcas e o Damasceno; mas se tu és um espírito profundo e penetrante (e duvido muito que me negues isso), compreenderás que, tanto num como noutro caso, surge aí a orelha de uma rígida e meiga companheira do homem social...

Amável Formalidade, tu és, sim, o bordão da vida, o bálsamo dos corações, a medianeira entre os homens, o vínculo da terra e do céu; tu enxugas as lágrimas de um pai, tu captas a indulgência de um Profeta. (p. 225-226)

A razão é que, ao contrário de uma velha fórmula absurda, não é a letra que mata; a letra dá vida; o espírito é que é objeto de controvérsia, de dúvida, de interpretação, e conseqüentemente de luta e de morte. (p. 226)

Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal. (p. 238)

Que é o benefício? é um ato que faz cessar certa privação do beneficiado. Uma vez produzido o efeito essencial, isto é, uma vez cessada a privação, torna o organismo ao estado anterior, ao estado indiferente. Supõe que tens apertado em demasia o cós das calças; para fazer cessar o incômodo, desabotoas o cós, respiras, saboreias um instante de gozo, o organismo torna à indiferença, e não te lembras dos teus dedos que praticaram o ato. Não havendo nada que perdure, é natural que a memória se esvaeça, porque ela não é uma planta aérea, precisa de chão. A esperança de outros favores, é certo, conserva sempre no beneficiado a lembrança do primeiro; mas este facto, aliás um dos mais sublimes que a filosofia pode achar em seu caminho, explica-se pela memória da privação, ou, usando de outra fórmula, pela privação continuada na memória, que repercute a dor passada e aconselha a precaução do remédio oportuno. Não digo que, ainda sem esta circunstância, não aconteça, algumas vezes, persistir a memória do obséquio, acompanhada de certa afeição mais ou menos intensa; mas são verdadeiras aberrações, sem nenhum valor aos olhos de um filósofo. (p. 246)

Nem o remorso é outra cousa mais do que o trejeito de uma consciência que se vê hedionda. (p. 247)

E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. (p. 248-249)



Contos sem Data

A Chave

(E-15-02)

Luís Bastinho aproveitou a circunstância para dizer à moça que o casamento é a verdadeira valsa social; ideia que ela aprovou e comunicou ao pai. (p. 125)



1881

Contos sem Data

O Caso da Viúva

(E-15-01)

Parecia-lhe que um bom marido é um excelente achado, mas que um bom marido não pobre é um achado excelentíssimo. (p. 17)



A Estação

(AE-15-8) Chercher la Femme (crônica)

Não faltaria dizer que a mulher é a estrela que leva o homem pela vida adiante, e que principalmente as leitoras da *Estação* merecem o culto de todos os espíritos elegantes. [p. 181]



Papéis Avulsos

O Alienista

(OE, 15-11)

– A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério. (p. 29)

(GN-18-12) Teoria do Medalhão (conto)

A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as cousas integralmente com seus ônus e precalços, glórias e desdouros, e ir por diante. (p. 104)

A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, cousas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. (p. 112)

Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desajetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário. (p. 114-115)

– Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados. (p. 117)



1882

Papéis Avulsos

(GN-01-01) Uma Visita de Alcibíades (segunda versão)

Sou espiritista desde alguns meses. Convencido de que todos os sistemas são puras niilidades, resolvi adotar o mais recreativo deles. Tempo virá em que este não seja só recreativo, mas também útil à solução dos problemas históricos; é mais sumário evocar o espírito dos mortos, do que gastar as forças críticas, e gastá-las em pura perda, porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato. (p. 280)

(GN-30-07) O Empréstimo (conto)

E, para começar, emendemos Sêneca. Cada dia, ao parecer daquele moralista, é, em si mesmo, uma vida singular; por outros termos, uma vida dentro da vida. Não digo que não; mas por que não acrescentou ele que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira? (p. 229)

(GN-08-09) O Espelho (conto)

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (p. 262)

Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. (p. 265)

(GN-08-10) Verba Testamentária (conto)

Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito. Obra de lápis e esponja. (p. 296)



1883

Histórias sem Data

(GN-17-02) A Igreja do Diabo

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. (p. 17)

A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. (p. 19)

Capítulo dos Chapéus

(E-15-08)

O princípio metafísico é este: – o chapéu é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab aeterno*: ninguém o pode trocar sem mutilação. É uma questão profunda que ainda não ocorreu a ninguém. (p. 109)

(GN-06-10) Anedota Pecuniária

O melhor dos bens é o que se não possui. (p. 198)



1884

Histórias sem Data

(GN-17-02) Manuscrito de um Sacristão (conto)

Já nesse tempo era um místico; achava em todas as cousas uma significação recôndita. A vida era uma eterna missa, em que o mundo servia de altar, a alma de sacerdote e o corpo de acólito; nada respondia à realidade exterior. (p. 247)

(GN-06-06) As Academias de Sião (conto)

– Um alma são masculinas, outras femininas. A anomalia que se observa é uma questão de corpos errados. (p. 294)



Crônicas de Lélío

(GN-24-12)

Que levou então tanta gente ali, ontem, em tais circunstâncias? Evidentemente não foi a simples curiosidade. Não, não foi esse sentimento feminino, estreito, pai do mexerico e avô da calúnia. (p. 200)



1885

Casa Velha (romance)

Sentei-me ao lado dela, disse-lhe que era preciso ter paciência, que os desgostos eram a parte principal da vida; os prazeres eram a exceção; disse-lhe tudo o que a religião lhe poderia lembrar para obter que se resignasse. (p. 146)



Relíquias de Casa Velha, v. 1

(GN-06-01)

Só! (conto)

– Você fala assim, respondeu Tobias, porque não conhece a máxima social dos cães. Viu que nenhum deles perguntou aos outros o que é que o perseguido tinha feito; todos entraram no coro e perseguiram também, levados desta máxima universal entre eles: – Quem persegue ou morde tem sempre razão – ou, em relação à matéria da perseguição, ou, quando menos, em relação às pernas do perseguido. (p. 234)



Crônicas de Lélío

Balas de Estalo

(GN-26-01)

Antes de obedecer, perguntaram-lhe, em ambas as casas, se havia lei que proibisse a exposição dos ossos de gente morta. Na primeira, apanhado de supetão, deu uma resposta que lhe servia também para a outra, disse que, efetivamente, não havia lei especial, mas que a lei era feita para as hipóteses possíveis, não para absurdos. (p. 221-222)



Crônicas de Lélío

Balas de Estalo

(GN-20-04)

Eia, venha de lá esse obséquio! Que diabo, custa pouco e rende muito, porque a gratidão de um coração honesto é moeda preciosíssima. (p. 252)

(GN-08-07)

Uma das cartas dizia simplesmente que a política é tirar o chapéu às pessoas mais velhas. Outra afirmava que a política é a obrigação de não meter o dedo no nariz. Outra, que é, estando à mesa, não enxugar os beiços no guardanapo da vizinha, nem na ponta da toalha. Um secretário de clube dançante jura que a política é dar excelência às moças, e não lhes pôr alcunhas quando elas já têm par para esta. Segundo um morador da Tijuca, a política é agradecer com um sorriso animador ao amigo que nos paga a passagem.

Muitas cartas são tão longas e difusas, que quase se não pode extrair nada. Citarei dessas a de um barbeiro, que define a política como a arte de lhe pagarem as barbas, e a de um boticário para quem a verdadeira política é não comprar nada na botica da esquina.

Um sectário de Comte (viver às claras) afirma que a política é berrar nos bondes, quer se trate dos negócios da gente, quer dos estranhos.

Não entendi algumas cartas. A letra de outras é ilegível. Outras repetem-se. Cinco ou seis dão como suas, opiniões achadas nos livros. Uma dama gamenha escreve-me, dizendo que a política é praticar com os olhos o que está no Evangelho de S. Mateus, cap. VII, verso 7: “batei e abrir-se-vos-á.” (p. 266-267)



Crítica Literária

(30-07) “Miragens”, por Eneas Galvão

Anacreonte, se quisesse trocar a flauta pela tuba, ficaria sem tuba nem flauta; assim também Homero, se tentasse fazer de Anacreonte, não chegaria a dar-nos, a troco das suas imortais batalhas, uma das cantigas do poeta de Teos.

Desculpe a vulgaridade do conceito; ele é indispensável aos que começam. Outro que também me parece cabido é que, no esmero do verso, não vá ao ponto de cercear a inspiração. Esta é a alma da poesia, e como toda a alma precisa de um corpo, força é dar-lho, e quanto mais belo, melhor; mas nem tudo deve ser corpo. A perfeição, neste caso, é a harmonia das partes. (p. 338-339)



Várias Histórias

(GN-01-08) A Causa Secreta

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. (p. 115)



Crônicas, v. 4

Balas de Estalo

(GN-26-10)

Além de outras diferenças que se podem notar entre o sol e a chuva, há esta – que o sol, quando nasce, é para todos, como diziam as tabuletas de charutaria de outros tempos, e a chuva é só para alguns. (p. 256)

(GN-06-11)

O Sr. Ministro da Justiça entende que os tabeliães devem (com perdão da palavra) tabelionar. Entende que arrendar o ofício não é exercê-lo. Depende a intenção da lei.

Perdoe-me S. Exa. Essa doutrina é subversiva, não da ordem geral, mas da ordem natural, o que é pior. As leis reformam-se sem riscos; mas torcer a natureza não é reformá-la, é deformá-la. (p. 195)



Várias Histórias

(GN-05-11) Uns Braços

Mas há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. (p. 50)

(GN-22-11) O Cônego ou Metafísica do Estilo

As palavras têm sexo. Estou acabando a minha grande memória psico-léxico-lógica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.

– Mas, então, amam-se umas às outras?

– Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo. (p. 268)



1886

Várias Histórias

(GN-28-02) Viver

PROMETEU. – A vida, como a antiga Tebas, tem cem portas. Fechas uma, outras se abrirão. (p. 250)

Trabalho é refúgio, e não tive esse refúgio. (p. 253)

(GN-15-07) A Desejada das Gentes

– Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? (p. 84)

Estava arrependido, zangado, devia ter provocado aquele desengano desde as primeiras semanas; mas a culpa foi da esperança, que é uma planta daninha, que me comeu o lugar de outras plantas melhores. (p. 94)



1887

Relíquias de Casa Velha, v. 1

(GN-14-03) Identidade (conto)

Convenhamos que o fenômeno da semelhança completa entre dous indivíduos não parentes é cousa mui rara – talvez ainda mais rara que um mau poeta calado. (p. 171)



Páginas Recolhidas

(GN-09-09) Eterno! (conto)

Confio do Tempo, que é um insigne alquimista. Dá-se-lhe um punhado de lodo, ele o restitui em diamante; quando menos, em cascalho. (p. 78)



1888

Bons Dias! (crônicas)

(GN-17-12)

É sabido que, se Deus dá o frio conforme a roupa, não faz o mesmo com as ideias; há pessoas bem enroupadas e pouco *ideiadas*. (p. 143)

(GN-27-12)

Não se opunha às opiniões dos outros; e ganhava com isto duas vantagens. A primeira era satisfazer a todos, a segunda era não perder tempo. (p. 145)



1889

Bons Dias! (crônicas)

(GN-21-01)

A palestra é uma espécie de peneira, por onde a ideia sai com dificuldade, creio que mais fina, mas muito menos sincera. Ruminando, a ideia fica íntegra e livre. Sou mais profundo ruminando; e mais elevado também. (p. 151)

(GN-13-02)

Respondeu-me que o burro não era propriamente um animal, mas a imagem quadrúpede do homem. A prova é que, se encontramos a amizade no cão, o orgulho no cavalo, etc., só no burro achamos filosofia. (p. 165)

(GN-27-02)

Carnaval à porta. Já ouço os guizos e tambores. Aí vêm os carros das ideias... Felizes ideias, que durante três dias andais de carro! No resto do ano ides a pé, ao sol e à chuva, ou ficais no tinteiro, que é ainda o melhor dos abrigos. (p. 171)

(GN-03-08)

A Fortuna é mulher: gosta de ser cortejada. (p. 203)

(GN-29-08)

Eu tenho um sobrinho, estudante de Medicina, a quem digo sempre que o curandeiro é pai de Hipócrates, e sendo o meu sobrinho filho de Hipócrates, o curandeiro é avô do meu sobrinho; e descobro agora que vem a ser meu tio – fato que eu neguei a princípio. (p. 213)



1890

Contos Avulsos

Como se Inventaram os Almanques

(AF)

E hão de chover almanques. O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida. (p. 253)



1891

Quincas Borba (romance)

Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão. (p. 40)

O maior pecado, depois do pecado, é a publicação do pecado. (p. 62)

“Um marido, ainda mau, é sempre melhor que o melhor dos sonhos.”
A máxima não era idealista; Maria Benedita protestou contra ela. Pois não era melhor sonhar que chorar? Os sonhos acabam ou alteram-se, enquanto que os maus maridos podem viver muito. (p. 260)

Carlos Maria aborrecia o papagaio, como aborrecia o macaco, duas contrafações da pessoa humana, dizia ele. (p. 271)

O sol nem sempre é oficial de boas ideias; mas, ao menos, permite sair, e a troca do espetáculo muda as sensações. (p. 330)



1892

A Semana, v. 1

(GN-10-07)

Luís XIV dizia: “O Estado sou eu!” Cada um de nós é um troco miúdo de Luís XIV, com a diferença de que nós pagamos os impostos, e Luís XIV recebia-os... (p. 79)

(GN-28-08)

Mas a História é pessoa entrada em anos, gorda, pachorrenta, meditativa, tarda em recolher documentos, mais tarda ainda em os ler e decifrar. (p. 114)

(GN-04-09)

“17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. (p. 118-119)

(GN-04-09)

“26. As percentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas. (p. 120)

(GN-18-09)

Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado. (p. 134)

(GN-02-10)

A arte é uma religião. O gênio é o sumo sacerdote. (p. 141)

(GN-30-10)

Realmente, os anos nada valem por si mesmos. A questão é saber aguentá-los, escová-los bem, todos os dias, para tirar a poeira da estrada, trazê-los lavados com água de higiene e sabão de filosofia. (p. 158-159)

(GN-06-11)

Nós mamamos ao som dos sinos, e somos desmamados com eles; uma igreja sem sino é, por assim dizer, uma boca sem fala. (166)

(GN-27-11)

Não importa; liberdade, antes confusa, que nenhuma. (p. 183)

(GN-27-11)

A liberdade não é surda-muda, nem paralítica. Ela vive, ela fala, ela bate as mãos, ela ri, ela assobia, ela clama, ela vive da vida. Se eu na galeria não posso dar um berro, onde é que o hei de dar? Na rua, feito maluco? (p. 183)

(GN-01-12)

Os acontecimentos parecem-se com os homens. São melindrosos, ambiciosos, impacientes, o mais píffio quer aparecer antes do mais idôneo, atropelam tudo, sem justiça nem modéstia... (p. 184-185)

(GN-11-12)

Não há curandeiros. O direito de curar é equivalente ao direito de pensar e de falar. Se eu posso extirpar do espírito de um homem certo erro ou absurdo moral ou científico, por que não lhe posso limpar o corpo e o sangue das corrupções? A eventualidade da morte não impede a liberdade do exercício. Sim, pode suceder que eu mande um doente para a eternidade; mas que é a eternidade senão uma extensão do convento, ao qual posso muito bem conduzir outro enfermo pela cura da alma? Não há curandeiros, há médicos sem medicina, que é outra cousa. (p. 192)

(GN-25-12)

Corrupção escondida vale tanto como pública; a diferença é que não fede. (p. 204)



1893

A Semana, v. 1

(GN-15-01)

Já disse que não posso indicar em que tempo a Excelência penetrou na câmara municipal. Não é provável que fosse antes da publicação dos debates. Sem impressão não há estilo. *Verba volant, scripta manent*. Mas são cronologias estéreis, que nada servem ao fim proposto, a saber, que as maneiras finas são o freio de ouro das paixões, e não prejudicam em nada a liberdade; só a podem ofender pela restrição aos membros de uma câmara. (p. 218-219)

(GN-29-01)

A moeda falsa, que previne a miséria, não a previne para sempre, visto que a polícia tem o poder iníquo de interromper os estudos de gravura e meter toda uma academia na Detenção. (p. 229)

(GN-12-02)

Os homens sonham facilmente com dinheiro. Os tesouros que valem são os que se guardam no céu, onde a ferrugem os não come. (p. 238)

(GN-12-03)

Contento-me com palavras. Palavra brotada no calor do debate, ou composta por estudo, filha da necessidade, oriunda do amor ao requinte, obra do acaso, qualquer que seja a sua certidão de batismo, eis o que me interessa na história dos homens. (p. 256-257)

(GN-12-03)

Que valem, por exemplo, todas as lutas do nosso velho parlamentarismo, em comparação com esta simples palavra: *inverdade*? Inverdade é o mesmo que mentira, mas mentira de luva de pelica. Vede bem a diferença. Mentira só, nua e crua, dada na bochecha, dói. Inverdade, embora dita com energia, não obriga a ir aos queixos da pessoa que a profere. (p. 257)

(GN-12-03)

Não achei a certidão de batismo da inverdade; pode ser até que nem se batizasse. Não nasceu do povo, isso creio. Entretanto, está moça, pode ainda casar, conceber e aumentar a família do *lexicon*. Ouso até afirmar que há nela alguns sinais de pessoa que está de esperanças. E o filho é macho; e há de chamar-se *inverdadeiro*. Não se achará melhor eufemismo de mentiroso; é ainda mais doce que sua mãe, posto que seja feio de cara; mas quem vê cara, não vê corações. (p. 258)

(GN-12-03)

A chefia, e particularmente a chefia de polícia, é uma dona robusta, de grandes predicados e alto poder. Supus por muitos anos que era filha única do velho chefe; mas os tempos me foram mostrando que não. Tem irmãs, tem irmãos, tem *chefação*, pessoa de igual ou maior força, porque a desinência é mais enérgica. Tem *chefança*. Vi muitas vezes esta outra senhora, à frente da polícia ou de um partido, disputar às irmãs o domínio exclusivo, sem alcançar mais que comparti-lo com elas. Vi ainda a nobre *chefatura*, tão válida e tão ambiciosa, como as outras. Dos irmãos só conheço o esbelto *chefado*, que, alegando o sexo, pretendeu sempre a chefança, a chefatura, a chefação ou a chefia de família. (p. 259)

(GN-19-03)

Julgo não ser preciso dizer o que seja papelório. Papelório exprime o processo do executivo, os seus trâmites e informações; ninguém confunde esta ideia com outra. Quando um homem não tem outra cólera, tem esta bela cólera, contra o papelório. (p. 261)

(GN-19-03)

A chocadeira é conhecida; foi inventada para completar cá fora a vida do ente que não a pôde acabar alhures. Por lei fatal, não viveria: a chocadeira impõe-lhe vida, vencendo assim a natureza. Bem comparando, é o velocípede consciente. (p. 264)

(GN-26-3)

Há desses espíritos que, ou por sagacidade pronta, ou por esforço grande, leem antes da meia-noite as palavras que a aurora tem de trazer escritas na capa vermelha e branca, saúdam as estrelas, fecham as janelas e vão dormir descansados. Alguns sonham, e creio que sonhos generosos; mas a imaginação e o coração não mudam a torrente das cousas, e os homens acordam frescos e leves, sem haver debatido nem encandecido nada. (p. 266)

(GN-26-03)

Fez o seu anúncio, e entregou a causa aos adversários. Estes fazem, sem querer, o negócio dele; e se algum vai ficando conhecido, a culpa é das cousas, não da intenção; não se pode falar sem palavras, e as palavras fizeram-se para ser ouvidas. Não digo entendidas, posto que as haja de fina casta, tais como a ísquio-hebetomia, isquiopubiotomia, a sinfisiotomia, a cofarectomia, a histerectomia, a hysterossalpingectomia, e outras que andam pelos jornais, todas de raça grega e talvez do próprio sangue dos Átridas. (p. 267-268)

(GN-16-04)

Quanto ao bilhete de loteria, esse emblema da luta de Jacó com o anjo, que é como eu considero a caça à sorte grande, pode ser que a venda dele nos quiosques diminua os lucros do beco das Cancelas; mas o beco é triste, não solta foguetes quando lhe saem prêmios, se é que lhe saem prêmios. (p. 283)

(GN-23-04)

Respiremos, amigos; a poesia é um ar eternamente respirável. (p. 289)

(GN-14-05)

O sol é, na verdade, o sócio natural das alegrias públicas; e ainda as domésticas, sem ele, parecem minguadas. (p. 294)

(GN-28-05)

O segredo político é uma solitária do ouvido, microscópica durante os primeiros segundos, a qual atinge o máximo desenvolvimento em um prazo que varia de dez a sessenta minutos. As estéreis são poucas. As fecundas reproduzem-se logo que chegam à maioridade. O ovo interna-se, sobe ao cérebro, desce, passa ao laringe, sai pela boca e cai no primeiro ouvido que passa, onde cresce e concebe de igual maneira. Sobre a causa dessa marcha imediata do ovo, não posso dizer nada com segurança. Cada solitária engendra, termo médio, vinte e cinco. Há casos de três ou quatro apenas, mas são raros; também os há de duzentos e trezentos, mas são raríssimos. (p. 308)

(GN-11-06)

– Certamente, este mundo é um baile de casacas alugadas. (p. 317)

(GN-18-06)

Só a amizade, branda e polida, restringe-se à comédia de salão; só ela empulha sem matar, morde sem ferir, debica sem ofender, e, dada a hora de dormir, vai para a cama sonhar tranquilamente com Castor e Pólux. (p. 319)

(GN-18-06)

Outro deputado falou a respeito de Tiradentes, pedindo para outro precursor da Independência os louros da posteridade. Essa competência na distribuição póstuma da glória mostra bem que o repouso eterno é uma ilusão. (p. 321)

(GN-25-06)

Li até, que um condenado à morte, perguntando-se-lhe, na manhã do dia da execução, o que queria, respondeu que queria aprender inglês. Há de ser invenção; mas achei o desejo verossímil, não só pelo motivo aparente de dilatar a execução, mas ainda por outro mais subtil e profundo. A língua inglesa é tão universal, tem penetrado de tal modo em todas as partes deste mundo, que provavelmente é a língua do outro mundo. O réu não queria entrar estrangeiro no reino dos mortos. (p. 323)

(GN-02-07)

Esta impossibilidade de esconder o que se passa no segredo das deliberações faz-me crer no ocultismo. É ocasião de emendar Hamlet: “Há entre o palácio do conde dos Arcos e a rua do Ouvidor muitas bocas mais do que cuida a vossa inútil estatística.” (p. 332)

(GN-16-07)

A realidade é o luto do mundo, o sonho é a gala. (p. 339)

(GN-27-08)

Tudo é bacilo no mundo, o que está dentro do homem, no homem e fora do homem. A terra é um enorme bacilo, como os planetas e as estrelas, bacilos todos do infinito e da eternidade – dous bacilos sem medida de alguém que quer guardar o incógnito. (p. 374)

(GN-03-09)

Tudo se perdoa ao amor; tudo perdoamos aos que nos adoram. E isto quer se trate de casamento, quer de poder, quer de glória. A diferença é que os gloriosos esquecem, às vezes, e os poderosos podem esquecer muitas. (p. 379-380)

(GN-17-09)

Proteger é sinônimo de amar, – um eufemismo, dirão as pessoas graves, – uma corruptela, replicarão as pessoas leves. Eu digo que é uma revivescência. O amor antigo era simples proteção. Em vez da sociedade em comandita, a que a civilização o trouxe, com lucros iguais, era um ato de domínio do homem e de submissão da mulher. Vede os costumes bíblicos, as doutrinas muçulmanas, as instituições romanas e gregas. Tudo que é primitivo, traz esse característico do amor. Agora, que a revivescência seja puramente verbal, como tantas outras cousas, que apenas valem pelo nome, é o que não contesto. (p. 385)

(GN-01-10)

Tu crês que a vida é sempre isto, um dia atrás do outro, as horas a um de fundo, as semanas compondo os meses, os meses formando os anos, os anos marchando como batalhões de uma revista que nunca mais acaba. Quando olhas para a vida, cuidas que é o mesmo livro que leram os outros homens, – um livro delicioso ou nojoso, segundo for o teu temperamento, a tua filosofia ou a tua idade. Enganas-te, amigo. (p. 395-396)

(GN-29-10)

O vício é muita vez um boato falso, e há virtudes que nunca foram outra cousa. Digo-lhe mais: este mundo em que a senhora supõe viver, não passa talvez de um simples boato. Os anjos, para matar o imortal tempo, fizeram correr pelo infinito o boato da criação, e nós, que imaginamos existir, não passamos das próprias palavras do boato, que rolam por todos os séculos dos séculos. (p. 414-415)

(GN-29-10)

A verdade é que, sem acomodações com o céu, este mundo seria insuportável. E o céu é o mais acomodaticio dos credores. Judas ainda pode ser perdoado. Pilatos também; lembre-se que ele começou por lavar as mãos; lave a alma, e está a caminho. (p. 416)

(GN-29-10)

Cada erro de lógica pode ser um tento que a imaginação ganhe, e a imaginação é o sal da vida. (p. 417)

(GN-12-11)

Que é o amor mais que uma guerra, em que se vai por escaramuças e batalhas, em que há mortos e feridos, heróis e multidões ignoradas? Como os outros bombardeios, o amor atrai curiosos. A vida, neste particular, é uma interminável praia da Glória ou do Flamengo. (p. 425-426)



1894

Machadiana Eletrônica, v. 1, n. 2

A Semana

(GN-01-01)

Já agora falo por poetas; está provado que, apesar de fantásticos e sonhadores, são ainda os mais hábeis contadores de histórias e inventores de imagens. (p. 25)

(GN-01-01)

A vida, por exemplo, comparada a um banquete é ideia felicíssima. Cada um de nós tem ali o seu lugar; uns retiram-se logo depois da sopa, outros antes do *coup du milieu*, não raros vão até à sobremesa. Tem havido casos em que o conviva se deixa estar comido, bebido, e sentado. É o que os noticiários chamam *macróbio*, – e, quando a pessoa é mulher, por uma dessas liberdades de que toda a gente usa com a língua, *macróbia*. Felizes esses! Não que o banquete seja sempre uma delícia. Há sopas execráveis, peixes podres e não poucas vezes esturro. Mas, uma vez que a gente se deixou vir para a mesa, melhor é ir farto dela, para não levar saudades. (p. 25)

(GN-07-01)

O galo é um maometano vadio, relógio certo, cantor medíocre, ruim vianda. (p. 30)

(GN-04-02)

Rir não é só *le propre de l'homme*, é ainda uma necessidade dele. E só há riso, e grande riso, quando é público, universal, inextinguível, à maneira dos deuses de Homero, ao ver o pobre coxo Vulcano. (p. 50)

(GN-18-02)

A exceção só é odiosa para os outros; em si mesma é necessária. (p. 60)

(GN-25-02)

Comporia algumas peças novas; diria à bela Miranda que jogasse comigo o xadrez, um jogo delicioso, por Deus! imagem da anarquia, onde a rainha come o peão, o peão come o bispo, o bispo come o cavalo, o cavalo come a rainha, e todos comem a todos. (p. 68)

(GN-11-03)

As pequenas dívidas são aborrecidas como moscas. As grandes, logicamente, deviam ser terríveis como leões, e são mansíssimas. (p. 77-78)

(GN-11-03)

Depois, se é verdade que os mortos governam os vivos, também o é que os vivos vivem dos mortos. (p. 78)

(GN-25-03)

Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade? (p. 88)

(GN-22-04)

Emendem-se os adágios. Dize-me com quem *danças*, dir-te-ei quem és. Quem não *dança*, não mama. O frade onde *dança*, aí janta. Invente-se uma filosofia em que todas as coisas provenham da dança; e mostre-se que a tentação de Eva no paraíso foi o primeiro exemplo da dança das serpentes. Pinte-se o Criador com uma batuta de fogo na mão, tirando do nada um grande bailado.

Quando todos dançarem, a vida será alegre, e a própria morte não será morte, mas transferência de benefício ou rompimento de contrato. (p. 110-111)

(GN-20-05)

Os galos perdem a crista na briga, e saem cheios de sangue e de ódio; não é o brio que os leva, como aos cavalos, mas a hostilidade natural, e isto não lhes dói somente a eles, mas também a mim. Que briguem por causa de uma galinha, está direito; as galinhas gostam que as disputem com alma, se são humanas, ou com o bico, se são propriamente galinhas. Mas que briguem os galos para dar ordenado a curiosos ou vadios, está torto. (p. 133)

(GN-20-05)

Tudo se perde na noite dos tempos, meus amigos; mas a vantagem da ciência, – e particularmente da ciência espírita – é clarear as trevas e achar as coisas perdidas. (p. 134)

(GN-24-06)

O vento dos tempos nem sempre é a brisa igual e mansa que tudo esfolha e dispersa devagar. Tem lufadas de tufão, que fazem ir parar longe as folhas secas ou somente murchas. (p. 163)

(GN-08-07)

A música é a ilustre matemática, apta para resolver todos os problemas. É pelo contraponto que o presente corrige o passado e decifra o futuro. (p. 172)

(GN-22-07)

O romantismo é pirataria, é o banditismo, é a aventura do salteador que estripa um homem e morre por uma dama. (p. 185)

(GN-16-09)

Quando se deu o primeiro espetáculo a favor dos artistas, acudiram ao teatro dezessete pessoas, não contando os porteiros, que entram por ofício. Não há que admirar nessa diferença de algarismos; as comoções fortes são naturalmente curtas. Fortes e longas, seriam a mais horrível das nevroses. (p. 228)

(GN-16-09)

O relativo é inimigo do absoluto; o absoluto, quando não é Deus, é (com licença) o tenor que canta as glórias divinas. (p. 228-229)

(GN-23-09)

Se vos disserem que é vezo de todas as doutrinas deste mundo darem-se por salvadoras e definitivas, acreditai e afirmai que sim, excetuando sempre a nossa, que é a única definitiva e verdadeira. (p. 234-235)

(GN-07-10)

As frases feitas são a companhia cooperativa do espírito. Dão o trabalho único de as meter na cabeça, guardá-las e aplicá-las oportunamente, sem dispensa de convicção, é claro, nem daquele fino sentimento de originalidade que faz de um molambo seda. Nos casos apertados dão matéria para um discurso inteiro e longo, – dizem, mas pode ser exageração. (p. 242)

(GN-07-10)

Leis não são dores, que se fazem lembrar doendo; leis não doem. Algumas só doem, quando se aplicam; mas não aplicadas, elas e nós gozamos perfeita saúde. (p. 245)

(GN-21-10)

Amor! assunto eterno e fecundo! Primeiro vagido da terra, último estertor da criação! Quem, falando de amor, não sentir agitar-se-lhe a alma e reverdecer a natureza, pode crer que desconhece a mais profunda sensação da vida e o mais belo espetáculo do universo. (p. 255)

(GN-28-10)

O momento é japonês. Que esses braços venham lavrar a terra, e plantar, não só o café, mas também o chá, se quiserem. Se forem muitos e trouxerem os seus jornais, livros e revistas de clubes, e até as suas moças, alguma necessidade haverá de aprender a língua deles. O padre Lucena escreveu, há três séculos, que é língua superior à latina, e tal opinião, em boca de padre, vale por vinte academias. Tenho pena de não estar em idade de a aprender também. Estudaria com o próprio comissário Sho Nemotre, que esteve agora em S. Paulo; ensinar-lhe-ia a nossa língua, e chegaríamos à convicção de que o almirante Ito é descendente de uma família de Itu, e que os japoneses foram os primeiros povoadores do Brasil, tanto que aqui deixaram a japona. Ruim trocadilho; mas o melhor escrito deve parecer-se com a vida, e a vida é, muitas vezes, um trocadilho ordinário. (p. 264)

(GN-18-11)

Aquela gente numerosa, rumorosa e mesclada esperava alguém, que não era o imperador. Certo, eu amo a regra e dou pasto à ordem. Mas não é só na poesia que *souvent un beau désordre est un effet de l'art*. Nos atos públicos também; aquela mistura de damas e cavalheiros, de legisladores e convidados, não era das instituições, mas do momento; exprimia um “estado da alma” popular. Não seria propriamente um efeito da arte, concordo, e sim da natureza; mas que é a natureza senão uma arte anterior? (p. 279)

(GN-18-11)

Toda glória é primavera. (p. 280)

(GN-25-11)

A simpatia é o meu léxico. A razão por que eu nunca *explodo*, nem gosto que os outros *explodam*, não é porque este verbo não seja elegante, belo, sonoro, e principalmente necessário; é porque ele não vai com o meu coração. (p. 284)

(GN-30-12)

A sorte é tudo. Os acontecimentos tecem-se como as peças de teatro, e representam-se da mesma maneira. A única diferença é que não há ensaios; nem o autor nem os atores precisam deles. Levantado o pano, começa a representação, e todos sabem os papéis sem os terem lido. A sorte é o ponto. (p. 312)



1895

A Semana, v. 2

(GN-31-03)

O conto do vigário é o mais antigo gênero de ficção que se conhece.
(p. 345)

(GN-05-05)

O jardim nasceu com o homem. A primeira residência do primeiro casal foi um jardim, que ele só perdeu por se atrasar nos aluguéis da obediência, donde lhe veio o mandado de despejo. (p. 371)

(GN-26-05)

Entretanto, disse-se agora uma cousa no Conselho Municipal que absolutamente me deixou às escuras. Um intendente, – e, não havendo injúria, nisto, não sei por que lhe não ponho o nome, o Sr. Cesário Machado deu este aparte: “Há carros da Companhia Carris Urbanos que podem comportar perfeitamente quatro passageiros em cada banco.” A isto replicou o Sr. Júlio Carmo; “Magros como eu, mas não gordos como V. Exa.” Explicou o Sr. Cesário Machado: “Passageiros regulares.” É claro que, em tais casos, não há meio de conhecer o alcance das afirmações. Se os intendentes falassem de gordura e magreza, em geral, teríamos uma ideia aproximada dos bancos; mas um deles definiu a gordura e a magreza pelos nomes das pessoas, e não conhecendo nós a gordura do Sr. Cesário, nem a magreza do Sr. Carmo, ficamos sem entender esta explicação do primeiro: “Passageiros regulares”. O regular aqui é o termo médio entre o primeiro e o segundo.

Como suprir essa lacuna e outras da publicação dos debates? Empregando a gravura. Uma gravura que nos desse no próprio texto, no lugar da troca dos apartes, as figuras dos dous intendentes, com a diferença visual da abundância e da escassez das carnes, e a competente escala métrica, poria a

ideia inteiramente clara, e qualquer de nós acharia na própria ata os elementos para julgar da votação do conselho. Fora disso, palavras, palavras, palavras. (p. 387-388)

(GN-30-06)

O destino, que conhece o desfecho de cada drama, sorri dos nossos cálculos, e choraria, se pudesse chorar, das previsões humanas. (p. 412)

(GN-30-06)

Seja como for, o que é certo é que a Empresa Funerária, por mais triste que possa ser, não é menos lucrativa. Nem há incompatibilidade entre a melancolia e o lucro; são dous fenômenos que se temperam e se completam. (p. 413)

(GN-07-06)

A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro. (p. 418)

(GN-18-08)

Doente que morre, não se vinga, enterra-se. (p. 453)

(GN-25-08)

Se algum dia a paz governar universalmente este mundo, começará então a guerra dos mundos entre si, e o infinito ficará juncado de planetas mortos. (p. 454)

(GN-01-09)

Estribelhos são muletas que a gente forte deve dispensar. Quando voltar o costume da antropofagia, não há mais que trocar o “amai-vos uns aos outros”, do Evangelho, por esta doutrina: “Comei-vos uns aos outros.” Bem pensado, são os dous estribelhos da civilização. (p. 465)

(GN-15-09)

Quando acabei essas e outras imaginações, perguntei a mim mesmo se o alienado da rua Sete de Setembro era tão infeliz como supusera. Que é para ele uma esteira, um cubículo e um guarda? Coxins, um palácio e moças bonitas. Talvez o que presumes serem moças, palácio e coxins não passe de um guarda, uma esteira e um cubículo. (p. 476)

(GN-29-09)

O céu é bom, mas eu imagino que a paz lá em cima não estará totalmente consolidada. Já lá houve uma rebelião; pode haver outras. As pessoas que vão deste mundo, anistiadas ou perdoadas por Deus, podem ter saudades da terra e pegar em armas. Por pior que a achem, a terra há de dar saudades, quando ficar tão longe que mal pareça um miserável pontinho preto no fundo do abismo. (p. 481-482)



A Semana, v. 3

(GN-06-10)

A bengala não é sequer um apoio, é um simples adorno de passeio; pouco mais que os suspensórios, apenas úteis. Úteis, digo, sem assumir a responsabilidade da afirmação. (p. 8-9)

(GN-06-10)

Assim vai o mundo, meu amigo leitor; o mundo é um par de suspensórios.
(p. 9)

(GN-13-10)

Que é a loucura senão uma supressão da transpiração do espírito? (p. 14)

(GN-13-10)

Se eu houvesse de definir a alma humana, em vista da dupla operação a que aludo, diria que ela é uma casa de pensão. Cada quarto abriga um vício ou uma virtude. Os bons são aqueles em que os vícios dormem sempre e as virtudes velam e os maus... Adivinhaste o resto; poupas-me o trabalho de concluir a lição. (p. 15)

(GN-27-10)

Admito que haja alguns charlatães; mas o charlatanismo bem considerado, que outra coisa é senão uma bela e forte religião, com os seus sacerdotes, o seu rito, os seus princípios e os seus crédulos, que somos tu e eu? (p. 27)

(GN-24-11)

A loucura é uma dança das ideias. Quando alguém sentir que as suas ideias saracoteiam, arrastam os pés ou dão com eles nos narizes das outras, desconfie que é a polca ou o cançã da demência. (p. 46-47)

(GN-24-11)

Dançar é viver. A guerra, que também é vida, é um grande bailado, em que os pares se perdem comumente na noite dos tempos, fartos de saracotear.
(p. 47)

(GN-22-12)

Estudem isso os competentes; eu passo à organização do partido democrático federal.

Segundo li, contrapõe-se este partido ao republicano federal, para formar os dous partidos necessários “ao livre jogo das instituições”, segundo dizem os publicistas. Eu julgo as cousas pelas palavras que as nomeiam, e basta ser partido para não ser inteiro. (p. 70)

(GN-29-12)

Que é a demência senão uma indigestão do cérebro? (p. 76)



1896

A Semana, v. 3

(GN-19-01)

A homeopatia é o protestantismo da medicina; o kneippismo é uma nova seita, que ainda não tem comparação na história das religiões, mas que pode vir a triunfar pela simplicidade. (p. 91)

(GN-26-01)

Criei-me na veneração da farmácia. Entre parênteses, e para responder a um dos meus leitores de Ouro Preto, se escrevo botica, às vezes, é por um costume da infância; ninguém falava então de outra maneira; os próprios farmacêuticos anunciavam-se assim, e a legislação chamava-os boticários, se me não engano. *Botica* vinha de longe, e propriamente não ofendia a ninguém. Anos depois, entrou a aparecer *farmácia*, e pouco a pouco foi tomando conta do terreno, até que de todo substituiu o primeiro nome. Eu assisti à queda de um e à ascensão do outro. Os que nasceram posteriormente, acostumados a ouvir farmácia, chegam a não entender o soneto de Tolentino: *Numa escura botica encantoados*, etc., mas é assim com o resto; as palavras aposentam-se. Algumas ainda têm o magro ordenado sem gratificação, que lhes possam dar eruditos; outras caem na miséria e morrem de fome. (p. 96-97)

(GN-01-03)

A minha memória compõe-se de muitas alcovas meio-escuras e poucas salas claras; às vezes, para achar uma cousa, desço ao porão com lanterna. (p. 121)

(GN-10-05)

A liberdade pode ser comparada às calças que usamos. Virtualmente existe em cada corte de casimira um par de calças; se o compramos, as calças são nossas. Mas é mister talhá-las, alinhavá-las, prová-las, cosê-las e passá-las a ferro, antes de se vestir. Ainda assim há tais que podem sair mais estreitas do que a moda e a graça requerem. (p. 178)

(GN-17-05)

A impunidade é o colchão dos tempos; dormem-se aí sonos deleitosos. Casos há em que se podem roubar milhares de contos de réis... e acordar com eles na mão. (p. 185)

(GN-24-05)

Viver é lutar, e morrer é acabar lutando, que é outro modo de viver. (p. 188)

(GN-14-06)

Onde falta invenção é natural que a imitação sobre. (p. 206)

(GN-26-07)

Mas eu que falo humilde, baixo e rude, devia lembrar-me, a propósito de inquéritos, que a clareza do estilo é uma das formas da veracidade do escritor. (p. 243)

(GN-16-08)

Resta lembrar que a vida dos livros é vária como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinquenta, outros de cem anos, ou de noventa e nove, para não desmentir o poeta laureado. Muitos há que, passado o século, caem nas bibliotecas, onde a curiosidade os vai ver, e donde podem sair em parte para a história em parte para os florilégios. Ora, esse

prolongamento da vida, curto ou longo, é um pequeno retalho de glória. A imortalidade é que é de poucos. (p. 263)

(GN-15-11)

A loteria é a própria Fortuna, e a Fortuna é a deusa que não conhece incrédulos nem renegados. (p. 343)

(GN-22-11)

Tivemos agora um caso mais particular: um fazendeiro rio-grandense deu um tiro na cabeça e desapareceu do número dos vivos. O telegrama nota que era homem de idade – o que exclui qualquer paixão amorosa, conquanto as cãs não sejam inimigas das moças; podem ser invejosas, mas inveja não é inimizade. E há vários modos de amar as moças – o modo conjuntivo e o modo extático; ora, o segundo é de todas as fases deste mundo. (p. 344-345)



1897

A Semana, v. 3.

(GN-17-01)

Em si mesma, a loucura é já uma rebelião. O juízo é a ordem, é a constituição, a justiça e as leis. (p. 402)

(GN-07-02)

O trabalho é honesto, mas há outras ocupações pouco menos honestas e muito mais lucrativas. (p. 423)



**Correspondência de Machado de Assis com
Magalhães de Azeredo**

(21-07)

A carta de 6 trouxe-me as suas impressões de Paris, e um juízo claro e justo das cousas francesas. Nem *emballement* nem injustiça. As cousas valem pelos olhos que as veem; não falta quem repita a notícia dos itinerários. (p. 120)

Só resiste ao tempo o que se faz com ele. (p. 121)



1898

**Correspondência de Machado de Assis com
Magalhães de Azeredo**

(10-05)

Pelo que me toca pessoal e administrativamente, agradeço-lhe as palavras de simpatia que me mandou acerca do resultado da última reforma da Secretaria e da posição em que fiquei. Ouso crer que não houve justiça, mas as injustiças, meu querido amigo, se não fossem deste mundo, donde seriam? Só se esta mesma ideia não existisse e ela existe, logo a coisa também, e pois que a coisa existe, há de estar em alguma parte. Consolome refletindo que podia ser pior, e escapar ao pior dos males é já meia felicidade. (p. 148)

(09-09)

Versos, quando são pecados da mocidade, não se podem tornar virtudes da velhice. (p. 155)

(25-12)

Adeus, vou terminar dizendo-lhe outra vez que não se vingue de mim, e escreva-me sempre; lembre-se que é moço, e a palavra dos moços, é o melhor licor dos idosos. (p. 163)



1899

Dom Casmurro (romance)

Talvez abuso um pouco das reminiscências osculares; mas a saudade é isto mesmo; é o passar e o repassar das memórias antigas. (p. 116)

Há pessoas a quem as lágrimas não acodem logo nem nunca; diz-se que padecem mais que as outras. (p. 171)

A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. (p. 187-188)

A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente. (p. 219)

Jeová, posto que divino, ou por isso mesmo, é um Rothschild muito mais humano, e não faz moratórias, perdoa as dívidas integralmente, uma vez que o devedor queira deveras emendar a vida e cortar nas despesas. (p. 228)

O destino não é só dramaturgo, é também o seu próprio contrarregra, isto é, designa a entrada dos personagens em cena, dá-lhes as cartas e outros objetos, e executa dentro os sinais correspondentes ao diálogo, uma trovoadas, um carro, um tiro. (p. 238)

Não confundam purgatório com inferno, que é o eterno naufrágio. Purgatório é uma casa de penhores, que empresta sobre todas as virtudes, a juro alto e prazo curto. Mas os prazos renovam-se, até que um dia uma ou duas virtudes medianas pagam todos os pecados grandes e pequenos. (p. 352)

As pessoas valem o que vale a afeição da gente, e é daí que mestre Povo tirou aquele adágio que quem o feio ama bonito lhe parece. (p. 390)

A alopatia é o catolicismo da medicina... (p. 420)



Páginas Recolhidas

Lágrimas de Xerxes (conto)

A vida é uma Babel, filha; cada um de nós vale por uma nação. (p. 121)



1900

A Semana - v. 3

(GN-04-11)

– O acionista, disse-me um amigo que passava, é um substantivo masculino, que exprime “possuidor de ações” e, por extensão, credor dos dividendos. Quem diz ações diz dividendos. Que a diretoria administre, vá, mas que lhe tome o tempo em prestar-lhe contas, é demais. Preste dividendos: são as contas vivas. Não há banco mau se há dividendos. (p. 448)

(GN-11-11)

A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam. (p. 450)



1901

Páginas Recolhidas

(GN e JC-03-06) O Busto de Gonçalves Dias (discurso)

A solidão e o silêncio são asas robustas para os surtos do espírito. (p. 283)



1902

Correspondência

(05-01) Carta a Joaquim Nabuco

O passado (se o não li algures, faça de conta que a minha experiência o diz agora), o passado é ainda a melhor parte do presente, – na minha idade, entenda-se. (p. 63-64)



(20-11) Carta a Mário de Alencar

Quanto ao abraço, cá fica como prova de amizade. Também fica o livro de versos, presente e lembrança, cuja primeira página acabo de ler e é a melhor porta que podia dar ao edifício; adivinhei a pessoa que a inspirou, e saboreei o sentimento que exprime. (p. 241)



1903

Esaú e Jacó (romance)

E pouco depois, deu por si a desenhar de palavra a figura do filho ou filha, e ambos escolhiam a cor dos olhos, os cabelos, a tez, a estatura. Vês que também ela era criança. A maternidade tem dessas incoerências, a felicidade também, e por fim a esperança, que é a meninice do mundo. (p. 40)

Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia. (p. 51-52)

O amor, que é a primeira das artes da paz, pode-se dizer que é um duelo, não de morte, mas de vida, – concluiu Aires sorrindo leve, como falava baixo, e despediu-se. (p. 55)

As ideias querem-se festejadas, quando são belas, e examinadas, quando novas; a dele era a um tempo nova e bela. (p. 56)

Quando a esposa inquiriu dos antecedentes e circunstâncias do despacho, Santos deu as explicações pedidas. Nem todas seriam estritamente exatas; o tempo é um rato roedor das cousas, que as diminui ou altera no sentido de lhes dar outro aspecto. (p. 67)

Os estados de alma que daqui nasceram davam matéria a um capítulo especial, se eu não preferisse agora um salto, e ir a 1886. O salto é grande, mas o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro. (p. 68)

Nele a política era menos uma opinião que uma sarna; precisava coçar a miúdo e com força. (p. 82)

“A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco.” (p. 93)

A opinião é um velho óleo incorruptível. (p. 102)

“Toda alma livre é imperatriz!” (p. 117)

Não há mal que não traga um pouco de bem, e por isso é que o mal é útil, muita vez indispensável, alguma vez delicioso. (p. 138)

Não é a ocasião que faz o ladrão, dizia ele a alguém; o provérbio está errado. A forma exata deve ser esta: “A ocasião faz o furto; o ladrão nasce feito.” (p. 171)

Nenhum obséquio, por ínfimo que seja, esquece ao beneficiado. Há exceções. Também há casos em que a memória dos obséquios aflige, persegue e morde, como os mosquitos; mas não é regra. A regra é guardá-los na memória, como as joias nos seus escrínios; comparação justa, porque o obséquio é muita vez alguma joia, que o obsequiado esqueceu de restituir. (p 173)

Santos nunca se deixou ir com esses divergentes da casa comum, que acabaram formando outra igreja em outro bairro, onde pregavam que a correspondência exata não era entre as vogais e os sentidos, mas entre os sentidos e as vogais. Esta outra fórmula, parecendo mais clara, fez com que muitos discípulos da primeira hora acompanhassem os da última, e proclamem agora, como conclusão final, que o homem é um alfabeto de sensações. (p. 180)

Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares. (p. 180)

Que o amor, conforme as ninfas antigas e modernas, não tem piedade. Quando há piedade para outro, dizem elas, é que o amor ainda não nasceu de verdade, ou já morreu de todo, e assim o coração não lhe importa vestir essa primeira camisa do afeto. (p. 183)

Não era verdade, mas não é a verdade que vence, é a convicção. Convince-te de uma ideia, e morrerás por ela, escreveu Aires por esse tempo no *Memorial*, e acrescentou: “nem é outra a grandeza dos sacrifícios, mas se a verdade acerta com a convicção, então nasce o sublime, e atrás dele o útil...” (p. 188)

Que os segredos, amiga minha, também são gente; nascem, vivem e morrem. (p. 199)

Bem pensado, a morte não é outra coisa mais que uma cessação da liberdade de viver, sensação perpétua, ao passo que o decreto daquele dia valeu só por 72 horas. (p. 223)

O imprevisto é uma espécie de deus avulso, ao qual é preciso dar algumas ações de graças; pode ter voto decisivo na assembleia dos acontecimentos. (p. 233-234)



1904

**Correspondência de Machado de Assis com
Magalhães de Azeredo**

(02-01)

A idade, meu jovem amigo, é cousa que se não entende, por mais que se leia dela; cada um lê com os seus olhos, e os olhos moços não sabem contar os anos, por não os terem aprendido. Tal me acontecia então. Agora, que os tenho velhos é que vejo bem este capítulo. (p. 252-253)



1905

Teatro

(RCV – 1906) Lição de Botânica

BARÃO – A modéstia é o aroma do talento, como o talento é o esplendor da graça. (p. 371)

A ciência não se colhe de afogadilho; é preciso penetrá-la com segurança e cautela. (p. 385)

D. HELENA – Não tenho talento; tinha curiosidade.

BARÃO – É a chave do saber. (p. 387)



1906

Relíquias de Casa Velha, v. 1

(RCV-1906) A Carolina (poema)

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos. (p. 9)



1907

Memorial de Aires (romance)

A vida, mormente nos velhos, é um ofício cansativo. (p. 31)

Nada há pior que gente vadia, – ou aposentada, que é a mesma coisa; o tempo cresce e sobra, e se a pessoa pega a escrever, não há papel que baste. (p. 44)

Tudo serão modas neste mundo, exceto as estrelas e eu, que sou o mesmo antigo sujeito, salvo o trabalho das notas diplomáticas, agora nenhum. (p. 51)

Velhice esfalfa. (p. 67)

Senhoras não deviam escrever cartas; raras dizem tudo e claro; muitas têm a linguagem escassa ou escura. (p. 68)

Deixo aqui esta página com o fim único de me lembrar que o acaso também é corregedor de mentiras. Um homem que começa mentindo disfarçada ou descaradamente acaba muita vez exato e sincero. (p. 69-70)

A vida é um direito, a mocidade outro; perturbá-los é quase um crime. (p. 79)

Por muito que se recuse deixa sempre algum gosto a paixão que a gente inspira. (p. 81)

Viva a Fortuna, que sabe às vezes consolar o mal agudo com algum bálsamo inesperado. (p. 87)

E ali vinha este velho camareiro da humanidade, que os pagãos chamaram Morfeu, e que a pagãos e cristãos, e até a incréus fecha os olhos com os seus eternos dedos de chumbo. (p. 94)

No *poker*, *bluff* é uma espécie de conto do vigário. (p. 102)

Tudo é um; amor ou eleições, não falta matéria às discórdias humanas. (p. 106)

Nem tudo se perde nos bancos; o mesmo dinheiro, quando alguma vez se perde, muda apenas de dono. (p. 110)

Verdade é que já então citava eu o verso de Shelley, mas uma coisa é citar versos, outra é crer neles. Eu li há pouco um soneto verdadeiramente pio de um rapaz sem religião, mas necessitado de agradar a um tio religioso e abastado. (p. 119)

Velhice quer descanso. (p. 124)

Tudo é fugaz neste mundo. Se eu não tivesse os olhos adoentados dava-me a compor outro *Ecclesiastes*, à moderna, posto nada deva haver moderno depois daquele livro. Já dizia ele que nada era novo debaixo do sol, e se o não era então, não o foi nem será nunca mais. Tudo é assim contraditório e vago também. (p. 125-126)

Tudo é possível debaixo do sol, – e a mesma coisa sucederá acima dele, – Deus sabe. (p. 146-147)

As teses escolares dedicam-se a pais, a parentes, a amigos; o amor é tese para uma só pessoa. (p. 201)

Não há como a paixão do amor para fazer original o que é comum, e novo o que morre de velho. (p. 245)

Também se vê que não conhece a política do ódio, nem saberá perseguir; em suma, um bom rapaz, não me canso de o escrever, nem o calaria agora que ele vai casar; todos os noivos são bons rapazes. (p. 249)

“Amor, partido grande entre os partidos, tu és o mais forte partido da terra...” (p. 252)



Relíquias de Casa Velha, v. 1

(ABG) O Escrivão Coimbra (conto)

Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia. (p. 247)

O coração não é só berço e túmulo, é também hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como, convalesce do mal, sacode a paralisia e dá um salto em pé. (p. 254-255)



1908

Correspondência

(23-02) Carta a Mário de Alencar

A arte é o remédio e o melhor deles. (p. 293)



**Correspondência de Machado de Assis com
Magalhães de Azeredo**

(01-08)

Este pacote leva-lhe o meu “Memorial de Aires”. Leia-me, e diga se não é
lâmpada de madrugada. (p. 288)

(01-08)

Não repare na nota fúnebre que corre por esta carta; é música do crepúsculo
e da solidão. (p. 289)



Machado de Assis faleceu em 29 de setembro de 1908

Referências

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

ASSIS, Machado de. *A Semana*, v. 1 (1892-1893). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

ASSIS, Machado de. *A Semana*, v. 2 (1894-1895). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

ASSIS, Machado de. *A Semana*, v. 3 (1895-1900) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

ASSIS, Machado de. A Semana [crônicas de 1894]. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 23-316, jul.-dez. 2018.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!:* crônicas 1888-1889. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1990.

ASSIS, Machado de. *Casa velha*. São Paulo: Ed. Martins, 1952.

ASSIS, Machado de. “Cherchez la Femme”. *A Estação*, Rio de Janeiro, 15-8-1881. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/26-cronica?start=12>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ASSIS, Machado de. *Contos avulsos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Contos e crônicas*. Org. e pref. e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

ASSIS, Machado de. *Contos esparsos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Contos esquecidos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*, v. 1. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*, v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

ASSIS, Machado de. *Contos recolhidos*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Contos sem data*. Org. e pref. de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

ASSIS, Machado de. *Correspondência*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

CORRESPONDÊNCIA de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: INL, 1969.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.

ASSIS, Machado de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*, v. 1 (1859-1863). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1942.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*, v. 2 (1864-1867). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*, v. 3. (1871-1878) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

ASSIS, Machado de. *Crônicas*, v. 4. (1878-1888) Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944

ASSIS, Machado de. *Crônicas de Lélío*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro/São Paulo/Bahia, 1958.

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: INL, 1965.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1949.

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. 2. ed. rev. Estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários por Letícia Malard. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Histórias românticas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.
- ASSIS, Machado de. Introdução. In: CASTRO, Francisco de. *Harmonias errantes*. Rio de Janeiro: Tip. de Moreira, Maximino e C., 1878. p. VII-XII.
- ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 2 ed. rev. Estabelecimento do texto, vocabulário, notas, estudos e comentários por Letícia Malard. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ASSIS, Machado de. *Páginas esquecidas*. Rio: Casa Mandarino, [1939].
- ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.
- ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1951.
- ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*, v. 1. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*, v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.
- ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1950.

ASSIS, Machado de. *Teatro*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

em

“Pensamentos de Machado de Assis”

recolhidos e organizados por Letícia Malard,

para indicar os títulos das obras em que foram publicados pela primeira vez os textos do escritor.

- ABG – *Almanaque Brasileiro Garnier* para 1907
- AE – *A Estação*
- AF – *Almanaque das Fluminenses* para o ano de 1890
- C – *O Cruzeiro*
- CM – *Correio Mercantil*
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*
- F – *O Futuro*
- GN – *Gazeta de Notícias*
- HE – *Harmonias errantes*, de Francisco de Castro – Introdução, 1878
- IB – *Ilustração Brasileira*
- JF – *Jornal das Famílias*
- M – *A Marmota*
- MF – *Marmota Fluminense*
- OE – *O Espelho*
- P – *O Paraíba*
- RB – *Revista Brasileira*
- RCV – *Relíquias de Casa Velha*, 1906
- SI – *Semana Ilustrada*